

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Paula Cobo-Guevara

RUMO A UMA CLINICA ESTRANGEIRA
ou por uma musicalidade intensiva

São Paulo

2022

Paula Cobo-Guevara

RUMO A UMA CLINICA ESTRANGEIRA
ou por uma musicalidade intensiva

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Suely B Rolnik.

São Paulo
2022

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Suely Rolnik,

por hacer posible este trabajo, su magia, su persona. Peter Pál Pelbart por su inteligencia y sensibilidad atenta, aguda. João Perci Schiavon, por tanto.

Un gran privilegio, una experiencia.

¡Agradecida hasta siempre!

A Damián Kraus por el compartir la cocina del pan amasado con la mantequilla de tantas palabras, y sus variadas dimensiones. A toda la banca lectora de esta tesis en sus varias etapas. Geruza Zelys, Filipe Ferreira. A Francisco Freitas, veloz en la máquina de traducción. ¡A todo el núcleo de Estudos da Subjetividade! En especial: Luiza Proença, Renata Babonni, Lu Briotto, Fanny Feigenson, Karlla Giroto, Ana Luiza Braga, Haroldo Saboia, Ana Claudia Holanda, Josy Panñao, Ana Carolina Perella, ¡entre tantxs otros! & por dar tierra en Brasil, en especial a Gisella Hiche, Henrique Parra, Mai, Salvador Schavelzon, Hannah, Lianne Spitito Santo. A todas mis familias y mis amigas/compañeras/colegas de ruta, desvíos, aventuras, fragilidades: Jasmine McGhie Culverwell, Javier Toret, Alcira Padín, Manuela Zechner, Paulina Varas, Gisella Hiche, Cristina Ribas, Yara Haskiel, Angela Melitopolous, Christelle Faucoulanche, Catalina Ruz, Amanda Videla, Pato Azócar, Agustina Firpo, Marcelo Expósito, Lucía Egaña, Lucia Serra, entre otros! a toda la familia Barcelonesa. ¡A mi padre! Todas, han hecho posible este trabajo.

COBO-GUEVARA, Paula. **RUMO A UMA CLÍNICA ESTRANGEIRA ou por uma musicalidade intensiva**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2022.

RESUMO

RUMO A UMA CLÍNICA ESTRANGEIRA OU POR UMA MUSICALIDADE INTENSIVA é uma experimentação que opera a partir de exercícios de microelaboração clínico-conceituais, abordados no registro estético de um pensamento de escuta prática, atualizando, na forma de escrever – enquanto transmissão –, um tipo de conceituação expressiva e transdutiva de algumas questões que emergem singularmente, no encontro com uma experiência psicanalítica despersonalizada e singular. É a partir de tal experiência que são apresentados superfícies, trajetos e regiões ou zonas de intensificação *pática* e atmosférica – como exercício de escuta – sem ponto de partida ou de chegada, mas como *continuum*. Zonas que não apontam para uma unidade, mas para a heterogênesse disparada pela aliança da língua e da linguagem como *lalangue* – isto é, a partir de um registro vibrátil – vibratório: musical. Transita-se por regionalidades e topologias *anárquicas* e *estrangeiras* do inconsciente, efetuando e contraefetuando modulações e movimentos que possibilitam atualizar as perspectivas das pulsões atravessadas, adquirindo, por momentos, limiares de inocência despersonalizada necessários para plasmar um atravessamento que quebra o sujeito e o eu, entrando nos domínios do fora-de-si. Uma aliança estrangeira por fora do sujeito como abertura ética de disposição pactuada, que se constrói à medida que as intensidades se passam ou não. São tentativas de visão e de operação de uma ética clínica, como diretoras de um pensamento e de um saber-fazer em que se aposta ao menor, e que incorporam a leveza, a superfície e a lentidão como critérios pulsionais nas passagens e paisagens Da vida e de Uma vida.

PALAVRAS-CHAVE: estrangeirice; psicanálise; escrita clínica; clínica da diferença.

COBO-GUEVARA, Paula. **TOWARDS A FOREIGN CLINIC OR AN INTENSIVE MUSICALITY** Thesis (PhD in Clinical Psychology) - Pontifical Catholic University, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

TOWARDS A FOREIGN CLINIC OR AN INTENSIVE MUSICALITY. It's an experimentation that operates through, by and with various exercises – as devices of clinical-conceptual micro-elaborations which are approached from an aesthetic register of the thought of listening in practice. This clinical-writing – as transmission – draws upon a type of expressive and transductive conceptualization of certain questions that emerge singularly in the encounter of a depersonalized and singular psychoanalytical experience. From this experience, zones, trajectories, and regions of pneumatic and atmospheric intensification are presented – as an exercise in listening – without a point of departure or arrival, but rather a *continuum*. Zones that do not point to a unity, but to the heterogeneity that triggers the alliance of language and language as *lalangue*. That is to say, from a vibrational-vibratory register: musical. One moves through *anarchic* and *foreign* regionalities and topologies of the unconscious, performing and counter-performing modulations and movements that allows the virtual passing through the actual, of the perspectives of the drives traversed crossed. At times – the text as clinical thought – acquires degrees of depersonalized innocence necessary for a traversal that breaks through the subject and the self, entering the domains of the outside-of-itself. A foreign alliance outside the subject, as an ethical opening of agreed disposition, which is constructed to the extent that the intensities allow it. These are attempts at the vision and operation of a clinical ethics, as orientations of a thought and a know-how (*savoir-faire*), where the minor, surface and slowness become the drive's criteria of the landscapes and passages of The Life and A life.

KEYWORDS: foreignness, psychoanalysis, clinical writing, clinic of difference.

COBO-GUEVARA, Paula. **HACIA UNA CLINICA EXTRANJERA O POR UNA MUSICALIDAD INTENSIVA** Tesis (Doctorado en Psicología Clínica) - Pontificia Universidade Católica, São Paulo, 2022.

RESUMEN

HACIA UNA CLINICA EXTRANJERA O POR UNA MUSICALIDAD INTENSIVA. Es una experimentación que opera desde ejercicios de micro-elaboración clínico-conceptuales, abordados desde un registro estético del pensamiento de la escucha en práctica. Actualizado en la forma de escribir – en tanto transmisión – un tipo de conceptualización expresiva y transductiva de ciertas cuestiones que emergen singularmente en el encuentro de una experiencia psicoanalítica despersonalizada y singular. Es a partir de esta experiencia, que se presentan zonas, trayectos y regiones de intensificación *pática* y atmosférica – en tanto ejercicio de escucha – sin punto de inicio o llegada, pero mas bien un *continuum*. Zonas que no apuntan a una unidad, sino a la heterogénesis que dispara la alianza de la lengua y el lenguaje como *lalangue*. Es decir, desde un registro vibrátil – vibratorio: musical. Se transita por regionalidades y topologías *anárquicas* y *extranjeras* del inconsciente, efectuando y contra-efectuando modulaciones y movimientos que permiten actualizar las perspectivas de las pulsiones atravesadas. Por momentos adquiriendo grados de inocencia despersonalizada necesarias para realizar un atravesamiento que rompe al sujeto y al yo, entrando en los dominios del fuera-de-sí. Una alianza extranjera por fuera del sujeto, como apertura ética de disposición pactada, que se construye en la medida en que las intensidades lo permiten. Son tentativas de visión y operación de una ética clínica, como orientadoras de un pensamiento y un saber-hacer, en donde se apuesta a lo menor, y la levedad (o ligereza), la superficie y la lentitud se tornan criterios pulsionales de los paisajes y pasajes de La vida y de Una vida.

PALABRAS-LLAVES: extranjería, psicoanálisis, escritura clínica, clínica de la diferencia.

SUMÁRIO

Notas de apresentação	1
Animismos da língua	6
Uma paisagem: rumo a uma posição analítica estrangeira	27
Clínicas.....	33
Paisagens melódicas.....	40
Brinquedos e jogos maquínicos.....	47
Clínica menor	73
Língua de línguas	84
Linhas de acabamento	90
Referências	96

Notas de apresentação

Esta é uma pequena tese. Sem qualquer tipo de política de representação *post scriptum*. Não milita e nem repousa sobre qualquer identidade. Torna-se corpo de uma urgência, numa necessidade. Um exercício autoconvocado que não pede e nem pediu licença.

A exploração abre caminho rumo a uma zona de vizinhança que dá conta de algumas regiões intensivas, num pensamento psicanalítico *menor* dentro da cura, no contexto do desenvolvimento da minha formação como psicanalista.¹ Uma prática, portanto, um exercício, um trânsito, um modo e um tipo de vibração ao longo dos últimos oito anos. E não é uma prática qualquer, mas um dispositivo de subjetivação bem específico, pois nos leva não apenas a pensar, mas a experimentar, a perceber como certas práticas regulam e subjetivam formas de pensar, sentir, dizer, fazer, estar, compor.

A palavra, ou o conceito, psicanálise é usada aqui simplesmente porque a minha formação foi psicanalítica – não passei pela psicologia. Em tal sentido, seu uso não é estratégico e nem político, mas experiencial, experimental, encarnado singularmente.

¹ Comecei a minha formação na psicanálise no ano de 2015, no Ipsi Centre Barcelona – de formação e pesquisas em saúde mental – com um mestrado em psicanálise e no Fórum do campo Lacaniano. A minha trajetória vem do campo das artes visuais, a estética e os processos coletivos, reunindo clínica e processos de criação grupal ligados ao ativismo. Concretamente, o direito e a *autonomia da migração*, o *direito à cidade* e o *direito à loucura*, e a antipsiquiatria feminista. Sou bacharel em Artes Visuais e mestra em Estética e Teoria Crítica.

Este trabalho não é um ponto final e também não é assumido como acabado. Não é nem *passé*, nem testemunho – mas alimenta-se da sua literatura. Isto é, não trata necessariamente de mim, mas faz delirar, momentaneamente, certas zonas projetivas. E também não é uma cartografia, mas um plano de consistência de um espaço intensivo. O que se põe em jogo é uma certa intensidade clínica como *paisagem*, com contornos não demasiadamente definidos.

O que conecta com a coisa é o clínico, mas por quê? Porque sim, porque é disso que se gosta, é o que interessa. Estar onde se quer e onde se pode estar.

E embora esteja em movimento – uma vez que se constroem regiões e se transita por regionalidades –, não se distrai dos problemas atravessados. “Estar em movimento, mas não distraídos” (OURY, 2017, p. 279). Ele segue a sua própria linha de intensificação, e a atualiza constantemente. Agora, há de se observar que este trabalho talvez não chegue em nada, porque não é mais do que seu próprio exercício de costura, o *páthos* de uma experiência² como *paisagem* e *passagem* a partir de uma voz polifônica.

Que ganha alguma consistência intensificando superfícies e teorizações junto com as palavras.

² “O exemplo mais simples de conhecimento pático nos é dado pela apreensão de um ‘clima’, o de uma reunião ou de uma festa que apreendemos imediatamente e globalmente e não pelo acúmulo de informações distintas [...] Por exemplo, quando entramos em certas escolas primárias, sentimos uma angústia que transuda das paredes, fator de subjetivação parcial que se integra à ‘paisagem’ vivida de cada estudante e de cada professor [...] Poder-se-ia falar aqui de uma transferência arquitetural que, evidentemente, não se manifestaria através de um conhecimento objetivo de caráter científico, mas por intermédio de afetos estéticos complexos.” (GUATTARI, 2019, p. 251-267).

De algum modo, são pequenos estados atmosféricos, com as suas tonalidades, suas sonoridades, suas velocidades. Uma pequena superfície de exploração.

Trata-se do construtivismo de uma língua intensiva no encontro clínico. Uma musicalidade a várias vozes e instrumentos. Aberta, com idas e voltas. Mais do que um percurso ou uma trajetória, ela sugere certos atravessamentos, alguns próprios, outros vizinhos.

Abre microelaborações e meditações em volta do que poderia ser considerado uma psicanálise numa perspectiva *menor*, atravessada por *aquilo que é estrangeiro*.

Este trabalho é também uma forma de sair da área de cativeiro e da domesticação de um tipo de dispositivo de subjetivação: “a formação do analista”, que conduz a um tipo de encontro com “a verdade do sujeito” ou ao encontro com o “sujeito dividido”, embora também se passe por aí. Porque ele não tem nojo de nada e come de tudo; não parte de uma decisão moral, mas de uma abertura ética (e estética). Nunca se atreveria ao moralismo ou à religião. Ainda assim, quebra-se, fratura-se, cinde-se, rasga-se.

Não é necessariamente *anti*-intelectual, antiteórico, antipsicanalítico. Tem um pé dentro e o outro fora. Em outras palavras, deixa seduzir-se parcialmente por algumas inclinações teóricas. Deixa se afetar por algumas teorias, transitoriamente, e as apreende desde uma perspectiva analítica. Mobiliza-se por, com e através de alguns conceitos, portanto, modela a partir de uma certa afetação, e também alguma afinidade. Pega os elementos que mais

lhe convêm. É por isso que se lança para alguns atrevimentos, algumas ousadias, alguns cruzamentos, com uma certa *liberdade de circulação*. Expressa um saber do corpo, não um saber intelectual. Mas também sabe que não inventa nada, não é original, certamente não fala nada de novo, contudo, fala o já dito de um outro modo, algumas vezes melhor, outras, pior. Tampouco se esforça por explicar, não lhe interessa a pedagogia e também não ilustra. Apreende como zona vizinha uma noção do estrangeiro, a partir de uma camada de leitura “psicanalítica”, passando por outros lugares *et al.* Agora, as suas leituras – enquanto notas e cadernos de leituras – se subtraem do puramente representacional baseado na identidade uma origem de um conceito ou de uma experiência – aposta à brincadeira e à criação pragmática e *laica*? Enfatiza no processo de escrita como terreno político, da forma do dizer e de mostrar um pensamento vizinho à linguagem falada, com suas repetições, saltos de tema, distrações, exaustões, efusividades, esquecimentos no que está sendo falado, recuos, silêncios, incongruências, concentrações e desconcentrações.

Daí um de seus tantos interesses pelas *temáticas da passagem*.³

Como foi dito, constrói – ou tenta – uma língua intensiva a partir do encontro clínico, que se transporta para a escrita: não como uma clínica com o texto, mas um *páthos* clínico com o texto enquanto superfície onde praticar um exercício de transdução clínico-conceitual.

Viaja, e não metaforicamente, mas vitalmente – com os pés-cabeça. Escreve pensando em várias línguas, em vários territórios. Foi se movimentando

³ *Temáticas del pasaje*: “Uma forma de passagem de uma ideia para um texto, o para um discurso, com toda a complexidade que isso representa” (OURY, 2017, p. 332, tradução livre).

não tão só geograficamente, mas sensivelmente. As produções, transmissões – em diferentes línguas, traduções e contextos –, de certa forma suscitaram um interesse nas formas e modos expressivos de escrever “cl clinicamente”. Interesses estéticos, que despertaram mais que uma mera imitação ou cópia: um certo impulso e desejo de formas de escrever e transmitir.⁴

Algo do freudiano como literatura atravessou também o processo como tentativa e erro, com recuos, refutações, edições etc. Algo do ouryano também se faz presente nesta pequena tese – talvez me atreva a dizer que é uma tese cujo pano de fundo é a “liberdade de circulação e espaço do dizer”, de Jean Oury. Há algo disso, embora não explicitamente.

⁴ Cito alguns que certamente estão presentes, Ediciones Archivida, Anne Dufourmantelle, Marcelo Percia, entre outras.

Animismos da língua

Este trabalho clínico é um encontro com os pés, já que o corpo se move antes que o pensamento⁵ e “os pés são mais inteligentes que a cabeça” (OURY; MARTY, 1998). Como o título sugere: *Rumo a uma clínica estrangeira* vai em direção a, porque caminha, se encaminha rumo, vai na direção de um movimento. Para onde? “Explicar-se é muito difícil” (PARNET; DELEUZE, 1977, p. 6). Possivelmente, para (e desde) um terceiro gênero da língua estrangeira: quer dizer, desde a certeza da incerteza; o vacilante, o que zigzagueia, como uma palavra em movimento, por momentos suspensa, que

⁵ François Tosquelles entrevistado por Jean-Claude Polak e Danièle Sivadon. *Francisc Tosquelles: Una política de la locura. François Tosquelles, une politique de la folie. François Tosquelles: A Politics of Madness*. Também revisado e citado como *Déconnage* (2011), vídeoensaio de Angela Melitopoulos e Maurizio Lazzarato no qual revisitam *Una política de la locura* com comentários de Elisabeth von Samsonow e Jean-Claude Polack. Transcrição e tradução (para o espanhol) minha. [“Une politique de la folie”. Entrevista completa disponível em: <https://vimeo.com/167991974>. Acesso em: 17 dez. 2021.

sobe e baixa, dá voltas, repousa em alguns lugares, volta a se mover. Não tem intenção de certeza, nem pretende tê-la. Nesse sentido, as páginas que seguem (e prosseguem) insistem em transitar rumo, em direção, a uma escrita na qual convergem movimentos de movimentos.⁶

Uma escrita que navega no intensivo de uma transdução conceitual, de uma atmosfera clínica. Quer dizer, a experiência de uma escritura clínica como modo de relação intensiva, desde um *páthos* que atravessa – e é atravessado – por uma arquitetura analítica. Em outras palavras, a experiência de uma escrita clínica como modo de relação intensiva desde um ponto de vista “estrangeiro”, como circuito pulsional. Um artefato conceitual de um percurso pulsional sem trajetória específica, mas sim vagabundagens que, por momentos, adquirem o ponto de vista que as mesmas pulsões experimentam.⁷

Uma escrita clínica que escreve desde, para e sobre clínicas – em superfície. Escrever a superfície da clínica: um exercício de proximidade e distância: uma experimentação textual que toma forma de curva: cobra, desde uma sensibilidade serpente, que se arrasta rente ao chão e experimenta sua longitude e latitude, como topografia labiríntica. Deligny fala de um tipo de escrita que se permite inscrever, desde as linhas de fuga, dos traços, os trajetos múltiplos e errantes das crianças.

Talvez próxima a um artefato zaratustriano, enquanto caminhante que se move como um estrangeiro dentro de sua língua, exacerbando ao máximo o exercício de um materialismo estético à ponta de aforismos, metáforas,

⁶ *Movements of movements* foi um movimento de justiça global, parte do movimento antiglobalização do início dos anos 2000, quando convergiram múltiplos movimentos, como a autonomia da migração, a liberdade de associação, a ação direta, o *copyleft* etc. Uso esse conceito em sentido metafórico, associado a uma clínica psicanalítica.

⁷ Penso a perspectiva pulsional desde o trabalho de João Perci Schiavon, *Pragmatismo pulsional. Clínica psicanalítica* (2019).

antimetáforas metonímias, como escrita de superfície. Leva a escrita a um pensamento, a uma prática vital, a uma língua qualquer, despersonalizada – infantil. Fazendo refúgio no menor – *topologista* da existência. Algo da ordem da necessidade vital convoca Zaratustra, dado que são textos que demandam uma existência por si mesmos, pois sua imersão não é nem mais e nem menos que uma investigação sobre a vida.

Essa escrita clínica, nesses termos, pode se referir também aos animismos da língua. Quer dizer, às línguas vivas que escapam (ou tentam, mas insistem em escapar) da máquina binária da linguagem, linhas *naguais* que se despertam como um sonho, desde um sonho, rumo a um sonho. Humores, não no sentido do chiste, mas um humor como vida anímica, estados de ânimo, enquanto os humores nos levam a zonas colonizadas: entrar nelas é também entrar em suas Histórias, em seus Relatos: a projeção do mundo sobre elas. Por exemplo, as Histórias das tristezas, as Histórias dos lutos, as Histórias das alegrias, as Histórias das elaborações. Já sabemos que todo delírio é o delírio do mundo. Toda animosidade é também produto do mundo; assim como uma canção: convoca estados e forças anímicas, basta apenas mudar a emissora para mudar seu estado. Como dizia, as animosidades levantam estados (e estâncias) – e, de certa forma, as vidas rumo a *aquilo que é estrangeiro*, se mantêm em um movimento de frequências. Diz André Breton: “tudo é Real” (MARTINEZ, 1977). Mas esse Real, desde uma perspectiva anímica enquanto animosidade animista, é um real em devir.⁸

Animosidades animistas, como táticas e estratégias winnicottianas. Se as táticas são tatos, então se trata mais de tocar – como uma carícia – aqueles objetos desanimados para que voltem a ser animados – no sentido da ternura – , enquanto direito das crianças [*les niñes*]. O direito de brincar, e não a ter

⁸ Notas particulares sobre o Seminário “Os nomes do Pai” do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2021.

pesadelos. Ou no sentido da caçadora, que, em direção à caça da onça [jaguar], se metamorfoseia em onça. Devém onça (ROSA *in* NOGUEIRA, 2013). Ativa e devém com todos os elementos que se lhe apresentam na caça. “Winnicott tem uma ideia precisa – nos diz Marcelo Percia. Um bicho de pelúcia na vitrine de uma loja se exhibe como mercadoria, jaz como existência não-criada. Mas esse bicho nos braços de uma vida pequena devém amparo desejado. Criar o dado, talvez não se trate de outra coisa.”⁹

O animismo está baseado na ideia de que as coisas, os animais e os deuses possuem alma, capacidade de deliberação, desejo. Ora, “animar” as coisas, desde a perspectiva winnicottiana, é bem mais a capacidade da criança e seu campo de órgãos afetivos de “trazer” os bichos de pelúcia de volta à vida: animá-los. É, nesse sentido, estratégico: a brincadeira em sua potência criadora. *She touches. It is an experience that honors change as a creation*, escreve Isabelle Stengers.

Reclaim. “É um conceito que foi utilizado pelas bruxas-ativistas neopagãs de Seattle, como Starhawk” (STENGENERS, 2012) – e parte do movimento de movimentos. *Reclaim animism* significa, de certa forma, “recobrar(-se)”, “recuperar(-se)” [*recovering*] (d)aquilo (de) que fomos separadas, “mas não no sentido de recuperar algo passado” (ibid.).¹⁰ “Recobrar” significa “recobrar-se”, “recuperar” significa “recuperar-se” desde a mesma separação, regenerando o que a mesma separação envenenou [*poisoned*]. “Precisamos lutar e nos curar”. Envenenamentos daquela colonialidade que nos transmitem as zonas de afeto; das Histórias das palavras, o representativo do afeto: seus hábitos. Nesse sentido, a fórmula *reclaim animism* recobra as dívidas (dívidas enquanto produzem economias anímicas). Portanto, trata-se, aqui, bem mais de habitar as zonas de afeto/afetação prestando atenção a seu movimento.

⁹ *Tweet* de Marcelo Percia: Disponível em @marcelo_percia. Acesso em: set. 2021.

¹⁰ “[...] *but not in the sense that we can just get it back.*”

Talvez seja preciso varrer os sentidos majoritários das palavras, fazê-las sensíveis: animá-las, animalizá-las desde suas animosidades: ânimos, *animas*, almas-animais.¹¹ É ativar, reativar, *reclaim*; fazer subir ou fazer baixar; atualizar conceitos como blocos de pensamento/conteúdo/expressão. Essa operação implica também, às vezes, um uso subtrativo da palavra, ou, em outras, um uso inventivo: dependendo por quais zonas sobrevoam as palavras, as frases, as linhas.

Habita-se também certo tipo de escuta que se dirige para *aquilo que é estrangeiro*: intenta devolver o desconhecido ao desconhecido, e não ao conhecido. O novo ao novo, e não o novo ao antigo, como o devolve a neurose (DUFOURMANTELLE, 2019, p. 30). Uma forma de fazer isso é por intermédio de uma escrita que desaloje o representativo em direção ao expressivo – a cada vez, por momentos. Vai em direção a uma exterioridade por meio do uso estratégico e tático – no sentido de tocar – das palavras. Palavras que, de certa forma, reclamam seu animismo: sua perspectiva; quer dizer, que, em algum grau, se separam, *autoescinden* de seus sentidos maiores, de suas falas e escutas instituídas, para serem tocadas, *touché*: afetadas, vibradas, movidas. Assim como sai da boca de Lacan a palavra “*lalangue*”, “*lalengua*”, “*alíngua*”, quando o que realmente queria dizer era “Laplanche”!¹² Em uma sorte de autonomia da palavra e escapando, literalmente, do dicionário e da gramática, acolhe essa experiência estrangeira da *lalangue*. Para Lacan, *aquilo que*

¹¹ A palavra latina *anima* (alma) está na raiz de “animal”, i.e., “o que tem alma”, “o que é animado”. [N.T.]

¹² “É preciso recordar outra vez o saber do analista. Lacan, enquanto falava, foi inventar o neologismo ‘alíngua’ a partir de um lapso... e um mal-entendido de um de seus assistentes do seminário. Querendo fazer uma crítica a Jean Laplanche, se refere ao autor de ‘um dicionário de filosofia’, em vez de dizer ‘de psicanálise’. Lacan escuta seu lapso, o toma e dá um chiste: ‘vejam o lapso’... O que um assistente, em certo sentido, não escuta bem, e o outro escuta ‘*lalangue*’, a que Lacan responde: ‘não, não é com *gue*, é com *d.* alíngua’.” [“*Es necesario recordar otra vez el saber del analista, Lacan mientras hablaba, se sedó inventar el neologismo lalengua a partir de un lapsus... y un malentendido de uno de los asistentes del seminario. Queriendo hacer una crítica a Jean Laplanche, se refiere al autor de ‘un diccionario de filosofía’, en lugar de decir ‘de psicoanálisis’. Lacan escucha su lapsus, lo toma y da un chiste ‘vean el lapsus’... A lo que un asistente en cierto sentido no escucha bien, y el otro escucha ‘¿lalangue?’, a lo que Lacan responde: ‘No, no es con gue, es con d. lalengua.’*”] (FERNÁNDEZ, 2020, p. 43).

é estrangeiro da língua, seria aquele excluído do campo simbólico, o que nos leva a pensar nessa musicalidade da língua, uma música que escapa da palavra, posto que a música não é binária. Algo como “baixar” o significante a uma música, à sua condição mineral, vegetal: assim olhá-la e percorrê-la em seu sentido sensível. Mais que uma operação linguística, uma operação musical. É o espaço da musiquinha, cançãozinha.

De certa forma, sou estrangeira a este texto, enquanto quebra e dobra os rostos e nomes próprios; mas também tenta (ou busca) cantos, vibrações, busca o ponto de vista da pulsão, e, nesse sentido, se animam perspectivas de *lo estrangeiro* experimentadas desde seu próprio ponto de vista. Quer dizer, me movo entre zonas, paisagens e atravessamentos do texto em distintos corpos, línguas, sensibilidades; volto a eles, os atravesso novamente.

A caminho, rumo a *lo estrangeiro*, ou *àquilo que é estrangeiro*, poderiam se acoplar umas linhas de Bergson em que fala do sonho, para tentar dar uma silhueta, uma imagem – tanto passageira como transitória:

Na noite do inconsciente, uma imensa dança macabra. E, todos juntos, correm à porta que acaba de se entreabrir. Queriam passar todos. Não podem, são muitos. Quais serão os escolhidos? Adivinham-nos sem dificuldade. Faz um momento, quando velava, as lembranças admitidas eram aquelas que podiam invocar relações de parentesco com a situação presente, com minhas percepções atuais. (BERGSON, 2011, p. 107)

Prossegue:

E bem, entre as memórias-fantasmas que aspiram carregar-se de cor, de sonoridade, enfim, de materialidade, só o conseguirão aqueles que conseguem se assimilar ao pó colorido que percebo, os ruídos do exterior, e do interior que escuto, etc. (ibid., p. 108)

O que me sugere isso? De certa forma, uma intuição que vai em direção a um fora do familiar, não assimilável, talvez em direção a essa estranha estranheza (*Das Unheimlich*) da qual nos fala Freud, como aquilo que se nos apresenta como uma diferença interna dentro de nossa vida anímica: aquele desconhecido daquilo que é familiar que provém de um fora. Esses murmúrios de Bergson nos falam dessa intuição como desconfiança em relação ao conhecido, aos rostos e aos nomes próprios em favor de uma crença – em um sentido não religioso nem moral; uma crença rumo ao pó, o barulho (algo entre a percepção e a sensação).

A experiência da análise enquanto analista não se dá sem a experiência da análise enquanto analisante (FERNÁNDEZ, 2020, p. 32). Talvez se trataria de estabelecer um sentido que se dê desde essa mesma proximidade, sem revelar necessariamente uma forma, mas sim uma gênese do movimento. Uma sorte de gramática desgramatizada: uma *lalangue* mais próxima de “uma gramática que se pode chamar de estratégia esquizofrênica. Esta estratégia está diretamente vinculada ao desejo” (UNO, 2012, p. 21). A expressão “estratégia esquizofrênica” seria bem mais uma forma de habitar certa ambivalência, no sentido de sua experiência, de seu *páthos*.

De certa forma, tenta-se destituir (dentro do que pode uma palavra) a palavra enquanto percepção e ir rumo a uma palavra-sensação, assim como no sonho de Bergson (2011, p. 108): “só terei um sonho quando se efetue a sensação”. Sonhos, de certa forma em transe, em trânsito, dado que colocar estrategicamente as palavras nessa dimensão talvez seja também assumir deliberadamente um “animismo em devir” da palavra: poderia ser uma palavra confundida, sugada, interiorizada: visitas exteriores que entram e se escrevem sozinhas. Poderia ser uma palavra seduzida, no sentido de que se deixa levar-caçar pelo novo, mas também poderia ser uma palavra que assume seu desgaste.

Poderia ser também uma palavra encantada, no sentido de que canta sua musicalidade, posto que nem toda musicalidade canta. Quando me refiro a essas palavras que sobem e/ou descem à superfície textual, me refiro a uma leitura e experimentação das palavras em sua dimensão sensível (enquanto expressiva), que se suspendem como partículas no ar, o pó. “Suspende é também o que pretende o analista, não julgar, mas deixar que ressoa nele a palavra do paciente” (DUFOURMANTELLE, 2019, p. 31, tradução livre). Ir em direção a essa dimensão imemorial, da qual fala Bergson, é esse algo, já dado, mas não percebido. Então, assim como a experiência de análise enquanto analista não se dá sem a experiência de análise enquanto analisante,¹³ me pergunto se a experiência da escrita clínica, no sentido desse encontro, não é, talvez, esse exercício de leitura (visão), entre aquilo que se crê e aquilo que se deixa de crer. Como aquela fórmula de Lacan quando diz que o analista não faz senão devolver ao analisante sua mensagem de forma invertida, como se se tratasse de um espelho do avesso. “E a alma, observando o corpo no que se crê perceber o reflexo dela mesma, fascinada como se se visse no espelho, se deixa atrair, inclina e cai. Sua queda é o começo da vida.”¹⁴

Quer dizer, se produzem proximidades ou distâncias, identificações e desidentificações, intensificações e desintensificações, porque, de alguma forma ou outra, transitam em incomodidades, oscilações, fragmentos, que tomo como materialidades. Serão bem mais linhas-forças. Palavras-força. De alguma forma se experimenta e/ou efetua uma superfície da língua estrangeira que vai se

¹³ “Não há o lugar do analista sem passar pela posição analisante, sem convicção na existência do inconsciente, sem haver feito experiência dessa experiência, sem que falar sob esse laço tenha tocado nosso corpo. Se bem que, em toda análise didática, à condição de que não seja seu fim, ocupar o lugar do analista também necessita de outra instância: a posição analisante do analista. Uma posição na qual, falando, escrevendo, levando a cabo a análise do controle, apresentando um fragmento de alguma análise o falando com alguém que vá no lugar de outro na questão, intentamos dar conta do que acontece nas análises nas quais ocupamos, quando é possível, o lugar do analista.” (FERNÁNDEZ, 2020, p. 32).

¹⁴ “*Y el alma, observando el cuerpo en el que se cree percibir el reflejo de ella misma, fascinada como si se fijara en el espejo, se deja atraer, inclina y cae. Su caída es el comienzo de la vida.*” (BERGSON, 2011, p. 108).

desdobrando, sem domesticação, em direção a vários planos, registros, experimentações e conceptualizações expressivas sobre *lo estrangeiro*. Às vezes, esta escrita se deixa arrasar por um fluxo-*parresia* que pretende, só pretende, deixar-se desorientar dos/pelos critérios do juízo, do poder pastoral e dos sacerdotes que observam e vigiam as noites da escritura. A estratégia esquizofrênica, de certo modo, também nos ajuda a espantar esses três critérios religiosos (juízo, poder e vigilância), como escreve Nijinsky em *Apocalipse do vento*: “(...) para fazê-los sentir que não sou nervoso, interpreto o papel de um doente dos nervos.” (UNO, 2012, p. 22).

(Algum tipo de humor ácido percorre este escrito, ou bem que gostaria...)

Agora, cabe dizer que esta estratégia está longe de uma escrita de si. Abaixo Foucault! Viva as Margaridas! Uma Margarida nos adverte sobre certa atenção, certa técnica para o analista/artista:

O primeiro dever do escritor, antes de qualquer coisa, é a atenção. Prestar muita atenção ao que ele mesmo sente, uma atenção, diria, quase médica, científica, para não se equivocar, para não se confundir a si mesmo, e uma imensa atenção ao universo que o envolve. É preciso ver exatamente o que ocorre dentro e fora de si mesmo. (YOURCENAR, 1983)¹⁵

Apono essas questões porque, neste trabalho, tento, antes de mais nada, transmitir uma atmosfera de escutas, e é nesse sentido que também me refiro à escrita clínica: trabalho com distintas acepções do termo estrangeiro, pluralizando e abrindo seus sentidos, junto com diversos personagens conceituais, fazendo ponte para diversas modalidades teóricas e/ou expressivas,

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M-FCiwuVndk>. Acesso em: 23 jun. 2021.

desde alguns aspectos que ressoam dentro dessa linha de visão transversal de *lo estrangeiro* nesse sentido não-binário.

É fazer-se amiga de um conceito, viajar com ele, fazer-se de sua companheira. Quer dizer, de certa forma, devir junto com um conceito: *lo estrangeiro*, ou *aquilo que é estrangeiro*. Deleuze é um dos poucos pensadores que insiste na questão do devir dos conceitos (DUFOURMANTELLE, 2021, p. 68). Portanto, trata-se de tomar um conceito à par, com conceito companheiro. O companheirismo de uma pequena vagabundagem, uma pequena viagem como pequenas metamorfoses, sem origem “pura” nem destino final (ibid.).

Tratar-se-ia mais de uma meditação transversal, de uma elaboração entre texto como imagem e conceptualização como imagem, de caráter fragmentário, que abre passo para uma zona de vizinhança, de um pensamento sobre processos psicanalíticos menores, uma clínica menor.

Uma experimentação, uma viagem, um passo, um sobrevoo para e desde uma zona de intensidade estrangeira. Portanto, talvez outro dos fios seja, estrategicamente, não me situar nem no lugar de analista, tampouco na de analisante, mas como uma partícula, um vento, uma nuvem, ou um sol. Onde o que autoriza a fazer o mergulho não é o eu, mas sim sua *gênese de movimento*. De certa forma, começa desde uma perspectiva Anti-Narcisa (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, cap. 1), ou seja, uma experimentação, uma viagem, um passo, um sobrevoo para e desde uma zona de intensidade estrangeira, atmosferas onde não há nem objeto nem sujeito. Há, melhor, tonalidades, partículas, cortes e sequências: há linhas, musicalidades, silêncios, saltos. “O importante é o corte e a sequência. E o que interessa é escutar a sequência dessa música; já que o que diz dentro dela não tem importância.”¹⁶ É um procedimento bem mais aliado

¹⁶ TOSQUELLES, François. *Une politique de la folie* [Disponível on-line. In: “Une politique de la folie”. Entrevista completa disponível em: <https://vimeo.com/167991974>. Acesso em: 17 dez. 2021.

a certo tipo de duração das palavras – e duração no sentido de um *continuum* das dobras/redobras que apresenta a própria escrita clínica. Intenta-se dar corpo às próprias derivas do pensamento clínico em exercício de textos e leituras; com as quais não só converso, e sim escrevo com. Quer dizer, dentro dessa estratégia, damo-nos as mãos para explorar a linha de fora – linhaforina, estrangeira – entrando nos domínios do fora-de-si. Em uma potência impessoal, atmosférica.

É, de certa forma, assumir uma estética associada a um gesto. Marie Bardet (2019, p. 91), em *O cultivo dos gestos*, escreve: “os gestos são – e Deleuze viu isso muito bem – modos de relação mais que uma mera forma corporal; um ‘estilo’ para usar de certo modo uma técnica, ou melhor, um estilo junto a uma técnica, um corpo junto a um estilo.” Ou seja, não se quer dar conta de uma “interioridade”: não se inscreve dentro dos registros das “sentimentalidades”, se inscreve, antes, dentro das “interioridades extrapessoais”. Nesse sentido, se pensa as “interioridades” como estéticas, como formas de transitar modos de existência: peles e bolhas sensoriais que devêm modos materiais e sensíveis de estar no mundo. No entanto, essas “interioridades” se expressam desde um gesto menor das palavras:

Pensar é um gesto, o gesto do fora que se dobra e força um pensamento. Pensar, não como re-flexão, de um ‘homem pensando’ sobre si mesmo, mas sempre por uma linha do fora que se dobra. Nossos modos de pensar, no limite, também são gestos, modos de acompanhar... Pensar é estar sendo dobrades por uma linha do fora – que pode ser o mais adentro; não há distância geométrica, é pura topologia – e é dobrar(-se) de certa maneira em uma relação entre pensamento e fora que é fundamentalmente recíproca. (ibid., p. 92)

De certa forma, tenta-se, neste espaço de escritura, hospedar essas esquisitices, raras-estranhezas da linguagem, mas também as estranhezas-raras da experiência analítica, que, nesse sentido, é recíproca: que se devolvem

materialidades e pensamentos, os quais se elaboram em um sentido estético sóbrio: uma “linha revolucionária sóbria” (DELEUZE; GUATTARI, 1990, p. 33), com e para um gesto menor. Essa relação recíproca, enquanto transferencial, assume também um caráter de correspondência, como *lettre*, carta,¹⁷ que leva alguma coisa a seu destino (sempre transitório). A carta é talvez uma forma de reciprocidade em relação com uma “divisão subjetiva”, na qual se permite ver os fios por onde se tece um sintoma. Onde se aprende de si, como forma de objetivação de si, um fora de si. Nesse sentido, a carta, desde o estrangeiro, toma forma e aparece como materialidade transferencial, que sutura e confecciona, delicada e amorosamente, uma releitura.¹⁸

Hóspede e estrangeiro são também formas privilegiadas neste trabalho, no sentido da amabilidade (Oury) e da doçura (Dufourmantelle), que apontam formas éticas de tocar, enquanto carícias, das palavras-pele. Pois que a matriz da palavra hospedar opera também como hostilidade. “A palavra hospedar transita nesses dois sentidos”.¹⁹

Deixei-me levar por uma intensidade estrangeira, por um texto que, de certa forma, não controlo e que gerou estados estranhos, extraviados e estrangeiros: à beira do colapso da razão (idiotia ou inteligência? Pode ser um pouco de ambas). Estrangeirizei no estrangeiro e deixei-me levar por um

¹⁷ “Desta forma, por erro, também vai a carta de amor, d’(a)muro, (a)*mur*, jogando com a sonoridade do (a)*mour* = (a)muro/(a)amor. Carta, também *lettre*, letra, que leva alguma coisa ao seu destino. Acaso ao qual nem sempre se chega e, se chega é pela via dos significantes, e carrega assim, a marca do não encontro possível de dois, dois seres falantes, divididos pelo muro da linguagem. Essa é a grande questão.” (GROSMAN, 2021, p. 16).

¹⁸ Guattari, em *Psicoanálisis y transversalidad* (1976, p. 63), define a transferência no sentido de um *meio de transporte, um tipo de transporte amoroso*. Pelo que entendo, Guattari usa esse conceito para definir as condições do sujeito inconsciente em relação com o “doente” e o “normal”, ambos alojados no princípio de cidadania. Ou seja, a partir da noção de cidadania se definiriam as noções de normalidade. A transferência, entendida como *teletransporte amoroso*, seria então uma espécie de via de passagem que desloca as noções de normalidade, patologia, saúde.

¹⁹ Anne Dufourmantelle diz: “Hosticio [assédio] é a verdadeira matriz da palavra hospedar (e está implícita a hostilidade)”. [“*Hosticio es la verdadera matrix de la palabra hospedar (y esta implícita la hostilidad)*”. (tradução livre). Dufourmantelle «Anne Dufourmantelle, The Philosophy of Hospitality». Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vWWRpMu_l3E. Acesso em: 23 jun. 2021.

processo que disparou um tipo de escrita que se apresenta como uma viagem cósmica, polifônica, poliglota, em que se tenta gerar um dispositivo onde possam conviver – em suas distâncias e proximidades – vários fios de intersecção, *daquilo que é estrangeiro*. Um exercício delicado e cuidadoso, poroso. Como um estado de individuação em que, como diz a frase: escrever tudo junto se escreve separado e separado se escreve tudo junto, convergem. Levando essa frase-fórmula ao limite. De alguma forma, intenta-se experimentar e/ou efetuar uma superfície da língua estrangeira para desdobrá-la, sem domesticação, em vários planos, registros, experimentações e conceptualizações expressivas sobre *lo* estrangeiro.

Poderíamos dizer que *Lo* estrangeiro, mais que um conceito, é uma experiência associada a uma condição de humildade, de despojo, de não-pertencimento (em seu sentido amplo: passando pelas identidades, “as propriedades”, etc.). *Aquilo que é estrangeiro* está intimamente conectado com essa forma de humildade que adquire consistência enquanto o humilde se torna um “valor” (uma economia de troca, câmbio, intercâmbio). Um valor de estar no mundo, intimamente conectado com a fragilidade da experiência de despojamento.²⁰ Parafraseio as suaves e acolhedoras palavras da psicanalista Anne Dufourmantelle. Em uma das tantas acepções que nos canta sobre o conceito de Hospitalidade, vincula *o estrangeiro* a um modo de relação com *o hospedante*; este modo de relação – insiste:

[...] não é conceitual, não é dado, já que, para hospedar, é preciso ter atravessado pelo despojamento absoluto, pela morte e pelo exílio; e não apenas isso, mas também assumir uma posição de luto. Em uma cultura em que as posses e o sentido de pertencimento adquiriram uma ética própria, o perigo de ser despojada de tudo (identidade, propriedade, etc.) é sentido como insuportável e o ato é considerado criminoso, especialmente quando um ato compromete um lugar, a esse ‘lugar’ se poderia chamar ‘direito a um lar’, então se supõe que

²⁰ DUFOURMANTELLE, Anne. «Anne Dufourmantelle, The Philosophy of Hospitality». Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vWWRpMu_l3E. Acesso em: 23 jun. 2021.

o direito ao pertencimento a ‘algum lugar’ está vinculado a quem não esquece nunca que está em luto; dessa forma é que essa pessoa pode, potencialmente, hospedar e acolher, e dessa forma é que ela pode, genuinamente, pertencer. Quer dizer que não há tal ‘direito’ se não provém da mesma hospitalidade, do exílio. A hospitalidade, nesse sentido, não é um conceito, é uma experiência. (ibid.)

Se tomamos imediatamente a noção de hospitalidade e a fazemos ressoar com outros planos, gostaria de animá-la desde um registro sensível: escutar Dufourmantelle transmite uma doçura, certa fragilidade próxima de uma ave, de um pássaro, como se seu rosto portasse uma impressão de haver sido surpreendida (talvez uma impressão como surpresa da vida). Diz: “para mim, o encontro com a psicanálise foi uma passagem entre a fatalidade e a liberdade” (ibid.).

Há quem ande em busca desse direito, há outros que o consideram como dado, há aqueles que o imitam, há outros que não se deram conta de que o têm, e ainda outros que acreditam tê-lo. Seja qual for a procedência da ideia de

experiência, ou a experiência desse “direito”, essas futuridades potenciais são próximas do que Francesc Tosquelles²¹ chama de “estrangeiro”.²²

Para Tosquelles, uma das tantas acepções relacionadas à posição estrangeira está a posição de analista, o trabalho de análise – enquanto trabalho de luto –; e diz: “eu trabalho além do princípio de realidade, além do princípio de prazer... além da vida. Trabalho com a continuidade, com a coexistência da vida e da morte. A coexistência da pulsão de morte e da pulsão erótica está comigo a cada instante... sou anarquista... [sic]” (ibid.). Diferentemente de Dufourmantelle, Tosquelles sempre transita em um registro irônico, um humor ácido, *lalagueando* com a língua e os conceitos, o que não necessariamente elimina certa intimidade em relação à palavra e o que é transmitido: sobretudo,

²¹ Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110374>. Acesso em: 17 dez. 2021. “A história de Tosquelles é repleta de deslocamentos, e da produção de desvios. A profissão da psiquiatria, para ele, mais deformava que formava, podendo mesmo gerar uma espécie de fobia da loucura. Por isso Tosquelles optava por criar equipes mistas, evitando muitas vezes contratar psiquiatras, como quando foi encarregado médico-chefe dos serviços psiquiátricos do Exército, quando criou a Comunidade Terapêutica em Almodóvar del Campo (no contexto do Franquismo). Foi ali que recrutou pessoas sem formação específica para atuar como agentes de saúde (RUIZ et al, 2013, p. 857), prática que levaria adiante em suas ações e intervenções institucionais. Neste momento, Tosquelles criou um serviço que pudesse atender aos médicos eles mesmos, visto que segundo ele os médicos tinham uma formação burguesa e a guerra lhes causava extremo distúrbio. Era preciso cuidar, portanto, também da saúde mental dos próprios médicos. Em 1939, para manter-se vivo, Tosquelles foge para a França e leva consigo essa experiência institucional – o risco da aposta na relação estabelecida entre os cuidadores e os pacientes, apostando na ausência de preconceito em relação ao sofrimento psíquico. Na França, Tosquelles se depara com a falta de recursos que dessem conta da gravidade dos transtornos mentais então emergentes (idem), também devido ao contexto violento da guerra. Depois de grande precariedade de vida e trabalho, ele se estabelece, a partir de uma rede de amigos psiquiatras, no Hospital de Saint Alban, onde dá continuidade a seu trabalho (e onde Frantz Fanon também trabalha anos depois). Tosquelles era atento às fronteiras, e, portanto, às passagens. ‘Neste contexto de guerra e precariedade, eram atraídos voluntários e uma característica valorizada era a competência de estar e saber viver com os outros.’ (RUIZ et al, 2013, 862-863). Tosquelles não queria a instituição fechada aos especialistas, queria fazer da clínica mais um asilo que um hospital, um asilo que pudesse acolher a qualquer um. No período de ocupação e guerra nazifascista, Saint-Alban se afirmou como um local de passagem e de acolhida, tendo recebido refugiados oriundos de diferentes campos, seja de intelectuais a artistas, judeus, militantes da Resistência. É neste sentido que Tosquelles diz preferir a denominação Asilo (ibid., p. 860). Tosquelles estava atento à necessidade de atravessar fronteiras, em como se precisava atravessar os estados nacionais (em vários sentidos), pelas bordas não mapeadas, não policiadas, daqueles que precisavam escapar de regimes de controle (quem não precisa?). Nos interessa atentar aqui para a importância da passagem, assim como para o ‘estrangeiro’ em toda parte.”

²² Disponível em: <https://vimeo.com/167991974>. Acesso em: 17 dez. 2021. Similar ao que diz Enrique Pichon-Rivière (1997, p. 75): “Para poder conhecer o paciente, entrar dentro dele, o aprendiz deve entrar no papel do paciente. O papel do paciente resulta angustiante porque é o papel de um doente mental.” [“*Para poder conocer al paciente, entrar dentro de él, el aprendiz debe entrar en el rol del paciente. El rol del paciente resulta angustiante por que es el rol de un enfermo mental*”].

uma intimidade bem próxima de uma ética da hospedagem e de uma estética associada a um gesto hospitalar singular. Como diz Deleuze (*in* PARNET, 1977, p. 78): “(...) o humor é atonal, absolutamente imperceptível, faz algo fugir.”

Consideramos também a questão dos “direitos” (*ibid.*), e quando *dizemos* “direitos”, não estamos falando de direitos jurídicos, mas de outro tipo de direitos, direitos talvez mais vinculados a algo menor – menor em relação ao corpo, à linguagem, ao inconsciente. Tosquelles fala sobre o “direito à vadiagem”: “quando falamos dos ‘direitos do homem’, falamos do direito à vadiagem... é basicamente construção-reconstrução, construção, reconstrução. Primeiramente, se separar de alguma parte para ir a outro lado, diferenciar-se e encontrar os outros, as outras coisas, elementos” (*ibid.*).

–Como um bebê que engatinha, é também uma micropolítica da vagabundagem e da localização.

Pois bem, voltando aos fios da noção de acolhimento ético – enquanto doçura –, trago à superfície uma linha de Blanchot para apoiar uma pergunta sugerida por Dufourmantelle – “Que tipo de hospitalidade poderíamos oferecer ao selvagem, ao bárbaro?” (*ibid.*) –, nos diz Blanchot (2019, p. 12): “Pensar: apagar-se: o desastre da doçura.” Blanchot endossa a afirmação de Dufourmantelle desde uma estrangeirice que situa a doçura do lado de fora. Afirma que a mesma doçura é o desastre. Nesse sentido, situar-se em um fora de “quem” hospeda – como dizíamos – não é oposto ao hóspede, porquanto operam juntos. Essa reciprocidade vagabundeante é o exercício de vínculo – que faz luto, lutuoso e vital – atravessado pela doçura (como estratégia de tacto). Frente a isso, Dufourmantelle diz com Wilfred Bion:

Para Bion, pensar é uma máquina de engolir pensamentos selvagens, pensamentos que se apresentam a si mesmos dentro do intelecto e, na noite íntima entre a loucura e o pensamento, é o pensamento selvagem quem ganha, mas ganha em segredo: se refugia em papéis dobrados, palavras torcidas, sonhos, gagueiras das memórias da morte. É a linguagem infantil que reaparece nesse sentido. Desde o ponto de vista de Bion, os pensamentos selvagens são pensamentos sem pensador, e têm algo a ver com a hospitalidade de certa loucura. São crenças que emergem e se consolidam. Se a filosofia é aprender a morrer, a noite nos ensina e durante o dia voltam na linguagem, como um barbarismo entre alianças e traições; e quando se escuta suas vozes e se libera minimamente das cargas das almas, o que é transmitido é da ordem de um segredo, para dar espaço à hospitalidade, para esse traumático de nossa história comum.²³

Faço trabalhar – ou melhor, me ponho a trabalhar com – a palavra estrangeiro/a/e, *extranjero/a/e*, *étranger/ère*, *foreign*, desde uma dimensão polifônica, poliglota. Escuto, trabalho, me ponho a trabalhar com ela, desamarrando sentidos; e é que, para desamarrá-los, engatinho, faço sobrevoos, como uma criança de bicicleta, saltos no vazio e faço ritornelos por zonas, como um giro sufi. Ora, não é um giro aleatório, é um giro se faz para liberar o vivo do ritornelo. Porém, liberar o vivo apresenta, sobretudo, vertigens, derivas, embrionagens, mutações, expulsões como ex-pulsões: linhas de passagem, talvez essas topografias labirínticas de Deligny, atravessadas por forças que lutam, porquanto o luto é uma luta que assume sua posição hospitaleira, no sentido dado por Dufourmantelle, uma vez que o “ethos do ritornelo é a morada” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 319). Em direção ao lar estrangeiro, uma clínica estrangeira.

²³ Dufourmantelle «Anne Dufourmantelle, The Philosophy of Hospitality». Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vWWRpMu_l3E. Acesso em: 23 jun. 2021.

O ritmo nunca tem o mesmo plano que o ritmado. (ibid., p. 320)

Há território no momento em que há expressividade de ritmos. (ibid., p. 321)

Há território desde o momento em que os componentes dos meios deixam de ser direcionais para ser dimensionais, quando deixam de ser funcionais para devir expressivas. Há território desde o momento em que há expressividade de ritmos. (ibid.)

Na visão estrangeira, se privilegiam as passagens, os voos, a meditação flutuante como

[...] adiamento que permite o tempo de um desprendimento, em proveito de um transporte, uma declinação de figuras lançadas a cosmo... Nesta relação, passo a passo, do conteúdo e da expressão, a música faz passar as forças ‘não-sonoras’: forças do cosmo, forças da terra, forças do tempo, afetos e potências, nos devires guerreiro, animal, mulher, criança, máquina. (CRITON *in* DELEUZE, 1996, p. 203)

Algumas dessas escutas transitam por perspectivas das infâncias. “As crianças vão rápido porque sabem deslizar entre” (PARNET; DELEUZE, 1977, p. 39). A capacidade da infância de transitar por quase todas as zonas. Uma clínica que escuta as velocidades. Dessa forma, se atenta a que tipo de estrangeirice estamos escutando, não tanto como oposição binária, mas como gradualismos, gradações, direções. Pois o ritornelo tem uma dupla função

desterritorializante: “(...) a sustentação de um ar intenso estendido entre os dois polos, o tempo suspenso de uma flutuação.” (ibid.).

Assim, desde uma leitura de dupla função, *lo* estrangeiro não é um par opositivo, binário. Enquanto campo, não é antagônico, pois seus sentidos operam juntos. Por exemplo, poderia se falar de um procedimento de estrangeirização que aponta para uma diminuição da língua maior – para a sua redução. Poderia se dizer que também se podem diminuir os sentidos majoritários *daquilo que é estrangeiro* e que, como dizíamos, não é tanto diminuir a sua gramática a partir de um uso maior, mas fazê-las devir menores e sensíveis a todas as suas possíveis definições, vocabulários, sentidos. Como uma sensibilidade das percepções, conceitos e experiências ao redor dessa palavra.

Pluralizando os sentidos – desde e com a palavra, ou em relação com o som, a palavra e seu sentido –, *lo* estrangeiro e sua estrangeirice vibram em uma multiplicidade de acentos, sotaques, tons, sons, *sonidos*, músicas, orquestras e corais. *Lo* estrangeiro poderia ser, por exemplo, esse movimento, ou procedimento, que oscila entre o porvir e o por deixar, a sujeição e a liberdade, o conquistado e o colonizado; o que atravessa e é atravessado, o que nos seduz e captura, o que deixa de nos seduzir, aquilo ante o que nos revemos; o que entra e o que sai, o velho e o novo. A vida e uma vida, a terra e o ar, a altura e a profundidade. O exilado e o acolhido, o órfão e o familiar, o aéreo e o terrícola. O fronteiriço e o limítrofe. O oceânico e o litoral. A interiorização e a exteriorização, estrangeirizar o introjetado, introjetar o estrangeiro.

Tenta mover-se e entrar em uma palavra – por momentos – com a sensibilidade de um gato, para rodeá-la, lambê-la, ir e voltar. Pequenos gozos.

Intenta-se também não abusar das pomposidades. Tenta-se não abusar dos conceitos, mas transduzi-los, animá-los. Tenta-se evadir o Discurso universitário. Tenta-se evadir o Discurso do Mestre-Amo (mas se ama dissidentemente). Tenta-se não ir a lugares comuns, tenta-se não copiar.²⁴ Tenta-se ser inteligente, e o inteligente é humilde. Tenta-se que cada palavra habite uma superfície radical, mas estou longe disso. Tenta-se uma estética anarquista: linhas ao estilo das dramaturgias anarquistas de Darío Fo: “*¿Toc toc quien es?*” Tenta-se uma linha revolucionária sóbria.

Ambições como angústias!

Escutam-se estéticas e movimentos políticos que extraem o político do político e que trabalham desde uma perspectiva de “*direitos*” o direito ao jogo sem rigidezes normativas (Percia), o direito à livre circulação da palavra e do espaço de dizer (Oury),²⁵ o direito à vagabundagem (Tosquelles), o direito ao trabalho de analista como semblante de louco²⁶ (OURY, 2017, p. 251), o direito a hospedar e ao lar estrangeiro (Dufourmantelle).

²⁴ Muitas das frases ou palavras em *itálico* são ou conceitos de outros autores, ou palavras ou frases que não são próprias, e que foram encontradas seja em conversações, textos, aulas, cadernos de anotações, e que nem sempre têm uma origem identificável. Deixo em itálico, e não como citações, dado que o seu uso, na maioria das vezes, está desinvestido do seu sentido originário. Não são referências necessariamente a uma ideia a ser desenvolvida ou ampliada. Quer dizer, de certa forma, elas dispararam outras frases e ideias e foram escolhidas por gostar de algo nelas.

²⁵ Jean Oury foi um psiquiatra e psicanalista francês, fundou a clínica La Borde, onde trabalhou por toda a vida, também ao lado de Félix Guattari. Ao longo de muitos anos, Oury realizava seminários na clínica, que foram reunidas no livro: *Lo Colectivo, El Seminario de Sainte-Anne* (OURY, 2017).

²⁶ “*El lugar del semblante es el lugar del agente del discurso, es lo que va a desencadenar el discurso.*”

Sim, “pai-mãe é a neurose, mas a vovozinha é a psicose” (DELEUZE; GUATTARI, 1985, p. 57). Recolho os ensinamentos de Tosquelles e Oury. Filiações familiares de posições estrangeiras. Os avôs e as avós, e pronto.

É, também, e sobretudo, um laboratório clínico: de escritura de superfícies, de escutas de velocidades, de leituras: onde não sobre e nem falte. De leituras de uma aprendiz de analista. Com conversas que tentam/arriscam múltiplas combinatórias e brincadeiras da linguagem.

Uma paisagem: rumo a uma posição analítica estrangeira

“Pode dizer-se que o *objeto a* trata da fabricação do espaço como a fabricação do corpo”
 (Oury, *O Coletivo*)

Ir para uma passagem,²⁷ uma *passagem ao ato*, no sentido de uma autorização para se exercer a passagem para uma posição analítica estrangeira, que abordarei a partir de uma certa liberdade de circulação da palavra. Isto é, a partir da liberdade para ficar no lugar e dar a maior quantidade de voltas ao redor do mesmo, sempre em benefício da livre circulação de intensidades segundo Oury.

Em algumas línguas castelhanas, *pasaje*, ou seja, passagem, se diz *billete* ou *ticket* – de metrô, de trem, de ônibus, de avião; em outras, é mesmo *pasaje*, de avião, trem, metrô. Eu fico agora com *pasaje*. Uma passagem para viajar, como meio de transporte.

²⁷ “*En efecto, lo que está en cuestión no es cada discurso, sino el pasaje de un discurso al otro. Es la emergencia del discurso psicoanalítico: discurso abierto que permite el pasaje a los otros discursos. De lo contrario, hay una suerte de estasis de cada discurso.*” (OURY, 2017, p. 60).

Uma passagem para viajar como veículo de transporte, no caso, um transporte amoroso,²⁸ quer dizer, transferencial, em relação a uma *posição estrangeira*.

A ideia em volta da viagem evoca um lugar de origem e destino no qual se produz um deslocamento de um ponto a para um ponto b. Uma linha reta. Pois bem, uma passagem como viagem é, mais ainda, uma circulação, uma experiência, um circuito de derivas, um circuito de errâncias.

Tanto na passagem quanto na viagem há algo de estrangeiro, algo que se esmaece pelo movimento, pela mudança da geologia, das atmosferas. Também há algo a respeito das fronteiras, uma certa transgressão, um cruzamento, um salto de alteridades em movimento.

Uma passagem para uma posição analítica estrangeira? *A posição do analista é o discurso analítico*. A partir dessa lógica, o analista opera na posição de *objeto a*. Não dá para falar em transferência sem falar do *objeto a* (OURY, 2017). E o que é o *objeto a*? De modo geral, o *objeto a* seria o objeto (causa) do desejo. Na posição lacaniana, que não se pode confundir com a posição analítica, o analista, via de regra, nunca deve cumprir com a demanda – dali que surge o *leitmotiv* mais clássico do desejo como falta. Não é casual que Lacan se focasse em várias entrevistas preliminares para escutar, entre outras coisas, e, sobretudo, demandas. Quem demanda e por que demanda? Em definitiva, uma

²⁸ GUATTARI, Félix, em *Psicoanálisis y transversalidad*, define a transferência no sentido de um *meio de transporte, um tipo de transporte amoroso*. Pelo que entendo, Guattari (1976, p. 63) usa esse conceito para definir as condições do sujeito inconsciente em relação com o “enfermo” e o “normal”, ambos alojados no princípio de cidadania. Ou seja, a partir da noção de cidadania, definiriam-se as noções de normalidade. A transferência, entendida como *teletransporte amoroso*, seria então uma espécie de via de passagem que desloca as noções de normalidade, patologia, saúde.

forma de produzir uma entrada para o campo da transferência, segundo essa perspectiva (ROLNIK; GUATTARI, 2006, p. 243).²⁹

Agora, se do que se trata é de dar conta de sustentar uma posição analítica desde uma *posição estrangeira*, seria preciso viajar por um túnel da França para o outro lado do Canal da Mancha, para o país menor winnicottiano. Essa passagem implica situar, numa outra perspectiva, a posição analítica, isto é, transgredir o sentido do *objeto a* em direção ao *objeto transicional*. Ou, nas palavras de Winnicott (2005, p. 200): “(...) tem algo de louco sustentar esse ponto de vista que, porém, deve ser sustentado.”

O dicionário diz: *objeto transicional*, termo introduzido por Winnicott para designar um objeto material que possui valor eletivo para o lactente e para a criança pequena, especialmente no momento de dormir (por exemplo, um ponta da colcha, uma toalha que o bebê chupa). O fato de lançar mão de objetos desse tipo, segundo o autor, é um fenômeno normal que possibilita à criança fazer a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a “verdadeira relação de objeto” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p. 265).

Na perspectiva winnicottiana então, o objeto transicional seria aquele fiador da separação da unidade mãe-bebê, entendidos desde um Uno: unidade/dualidade, entre o interno e o externo, que sustenta a tese do narcisismo primário e das relações de objeto. Isso nos diz algo a respeito das

²⁹ Assim o propôs Guattari em conversa com analistas no Brasil: “Vocês conhecem a reação lacaniana à orientação anglo-saxã na psicanálise. Consiste em propor uma concepção do objeto a como função da ordem simbólica, o chamado *objeto a*. Já não se está lidando com pais e mães reais, numa cena fantasmática, mas com funções paternas, funções maternas etc., completamente descoladas das realidades familiares [...] O primordial no inconsciente não serão então as relações com o pai e com a mãe em situações concretas, mas a maneira como as relações prototípicas irão se organizar ao redor desses objetos.”

posições melancólicas, ou das daqueles lugares desaparecidos (DELIGNY, 2017). Agora, desviando da imagem unitária, do Uno como loucura, pode se pensar que um Édipo, como garante da separação, não é garante de uma saúde – e se dizer então, junto com Winnicott, que “o complexo de Édipo não é apenas a expressão de uma patologia, mas também a realização da saúde” (GREEN, 2005, p. 200).³⁰

Em *Anti-Electra* (VON SAMSONOW, 2019), é proposto um *quadrado esquizossomático* do pré-edipiano (*schizosomatic square of pre-oedipality*), como contraponto ao quadrado esquizoanalítico de Guattari. Esse *quadrado esquizossomático* contém “objetos tridimensionais de vitalidade maquínica e elementos de um maquinismo natural vital” (ibid.). São objetos pré-edipianos, dentro do campo existencial do *infans*, que se agenciam como brinquedos e brincadeiras. Em tal sentido, o *brinquedo maquínico* é um bom amigo e aliado da noção de *objeto transicional*, mas desdobrando e estrangeirizando este de seu sentido maior. Quer dizer, o *brinquedo maquínico*, quando ligado pré-edipianamente ao campo *daquilo que é mãe* – como campo de órgão afetivos –, opera como divisor,³¹ mais do que como separador – torção duplamente estrangeira.

Poderíamos dizer que, em lugar de pensar um corpo separado da unidade mãe-bebê, tratar-se-ia mais de um corpo intensivo implicado na materialidade de zonas, graus, próprio de um movimento autoerótico que se manifesta em sua

³⁰ “[...] *el complejo de Edipo no es solo expresión de una patología, sino que también es considerado como la realización de la salud.*”

³¹ Divisão não é a mesma coisa que separação. Uma separação faz referência explícita a uma distância (ou corte) de um todo, de uma unidade, do Uno. Assim, a divisão também não unifica a dualidade da separação (do modo da relação mãe-bebê), mas prova, divide, propõe, mas não fecha. Também não quer se desfazer das adjacências da divisão, mas atualizá-las, ressitua-las, colocá-las no procedimento de divisão. RAUNIG, 2016. (Tradução livre).

própria rítmica transicional, que põe em ato um exercício de derivas, explorações, viagens.

Quer dizer, nessa lógica, o tempo do brinquedo maquínico (e a passagem para uma posição estrangeira) requer de uma sorte de condição previa, que é a primeira pele. Quando se pode dizer que se estabelece uma membrana embrionária da pele? Anne Sauvagnargues nos propõe, com Simondon, que existiria uma condição previa da individuação, pois a pele é a membrana que individua, e a individuação é um corpo para si. Ela diz que “Simondon mostra que a relação é primeira, e que o indivíduo é sempre resultado de um processo de individuação em que se põe em jogo um campo pré-individual, um campo intensivo” (SAUVAGNARGUES, 2006, p. 29). Ou seja, o bebê embrionário da primeira pele experimenta a topologia *daquilo que é mãe* como zona de intensidade pura: as linhas de luz, a temperatura, o alimento, o braço, o peito, o odor como paisagens em *continuum*.

Eis então a viagem, com sentido de processo, de divisão de territórios, mais do que de separação. A viagem como passagem, como *continuum* da experiência. “Creio que o objeto transicional (a ponta do cobertor, o urso de pelúcia etc.) é o que percebemos da viagem” (WINNICOTT *apud* GREEN, 2005).³² O objeto transicional, ou o *brinquedo de vitalidade maquínica*, escapa do registro de submissão a uma “realidade interna” ou a uma “realidade externa”, e se interessa mais por uma abertura receptiva e porosa que ocorre num *continuum* deslocado por meio de dobras e redobras, como uma grande zona de subjetivação autoerótica, proporcionando um campo vital, enquanto desejo, ritmo, movimentos do bebê. Ou seja, o bebê, em sua condição autoerótica, no

³² “[...] que marca a progressão para a experiência vivida.” (tradução livre).

continuum da sua existência, experimenta em sua relação intensiva com uma transitoriedade rítmica, que faz da sua intimidade promíscua, da não-separação, a intimidade do movimento num plano intensivo.

Aquilo que é infans, portanto, com seu *brinquedo maquínico*, poderá empreender a viagem com a confiança e a *delicadeza* desse ar e odor originários que leva na pele, ao se movimentar, em seus movimentos e circuitos vitais. Não é casual que François Tosquelles (1991) fale de mães que fazem cócegas nos pés dos bebês, dado que o corpo se movimenta antes que o pensamento.³³

³³ Disponível em: <http://royalcaute.blogspot.com/2008/08/franois-tosquelles-una-politica-de-la.html>. Acesso em: 11 abr. 2019.

Clínicas

Clínicas.

Clínicas é uma estação de metrô na cidade de São Paulo. *Linha verde*, em frente ao Hospital das Clínicas, próximo a Jardim Paulista e Consolação. O metrô tem sido um meio de transporte de um ponto a outro, túnel subterrâneo, transporte veloz nas megacidades enclausuradas em si mesmas, obsessão de progresso das cidades sul-americanas, como talvez tenha sido o trem para a Europa: linha de conectividade de comunidades e cidades, conectividade reprimida de outros trens, aqueles trens sem retorno. Viagens controladas na linha de produção do progresso. Walter Benjamin preferia caminhar entre passagens, uma inteligência dos pés. Experimentar a passagem sem rumo nem destino; sem linha reta de um ponto a outro, ao contrário, sua deriva. Santiago de Chile. 77 estações do metrô são queimadas, explodem como faíscas que flutuam como vagalumes na noturna revolução. Ulrike Meinhof canta *Strangers in the night*, de Frank Sinatra. O povo-tribo se revela?, rebela?, contra a linha de progresso: decide devir veículo, mais que ser levado. Povos escolhem outro meio de transporte. Carros da Alma, teorias do veículo, escreve Emanuele Coccia (2021, p. 129). “Todo corpo é uma viagem em curso, as almas não deixam de viajar, apenas mudam de veículo, de carro.”

Angústia de simulação³⁴ (*primitive agony*)

Sai à rua e vê mulheres que poderiam ter sido ela. Caminha pelo parque e se encontra com um grupo de galinhas, as observa por horas, em algum momento adquirem outro tamanho que de uma galinha. Caminha e chora out of focus and lost in translation. Se envolve em mantas para cobrir os poros de sua pele. Experimenta sequências de sonhos muito nítidos, em perspectivas múltiplas, onde suas ancestrais da linhagem matrilinear morrem, deixando-lhe alimentos quentes na cozinha de sua avó: cheiro de canela. Este sonho tece cenas de três mortes e fazem trajetórias com sonhos antigos, de quando tinha 4 anos. Fica aterrorizada ao perceber esse mise en scène apresentado no sonho. Entra no chuveiro e chora. Dorme, sonha novamente. A inteligência do sonho, uma morte em curso. A inteligência da água em contato com a pele: aliança sensível.

Desabituar-se da interpretação, da representação. Linhas históricas. Sentires normalizados que recaem no mesmo; e por que recaem no mesmo? Sensibilidades submetidas a seus hábitos. Sedentárias pelas do privilégio do mesmo agarradas no espelho: pois, deixá-las à altura do espelho, quer dizer, como imagem do espelho ao cérebro, do cérebro ao espelho, do espelho ao cérebro? Escutar a imagem e deixá-la passar, transitória como uma palavra. *PING-PONG*. Barthes (1993, p. 29) escreve:

O psicótico vive no temor do desmoronamento (do que as diferentes psicoses não seriam mais que defesas). Mas ‘o temor clínico ao desmoronamento é o temor a um desmoronamento que já foi experimentado (*primitive agony*) [...] e há momentos em que um paciente tem necessidade de que se lhe diga que o desmoronamento cujo temor mina sua vida já aconteceu.’ O mesmo, parece, é válido para a angústia de amor: é o temor de um luto que já se verificou, desde a origem do amor, desde o momento em que foi raptado. Seria

³⁴ ROLNIK, Suely, *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. p 124.

necessário que alguém pudesse me dizer: ‘Não fique angustiado, você já o(a) perdeu’.

Angústia de desagregação, de dispersão, de perda de um eu, perda de uma identidade, um temor de perder; perder o quê? Perder nossas construções tão passadas como modernas. Medo do *derrumbe*, da queda. Perda. As culpas e o *castigo imaginário das deslealdades*. “Há algo que nos retém, algo que nos afasta da metamorfose. Estamos habituadas a pensar a transformação e a mudança seguindo os modelos: a conversão e a revolução. A metamorfose não é nem uma nem outra.” (COCCIA, 2021, p. 65).

Lealdades que domesticam a ambiguidade da simulação e que neutralizam nossa angústia provocada por essa mesma ambiguidade, escreve Suely Rolnik (2016, p. 124).

Metamorfoses

Na metamorfose, “não há nenhum movimento de recusa ou negação de um passado ou de uma identidade. Um ser metamórfico é, ao contrário, um ser que deixou toda ambição de pretender se reconhecer em um único rosto” (COCCIA, 2021, p. 55). Por que é que se castiga, ou nos castigamos, pelos movimentos de variação? Por que nos custa tanto afirmar a variação? Talvez um trabalho da clínica seja justamente podermos nos afirmar em nossos movimentos vitais e conviver com o *nos/otras*, nós/outras.³⁵

Quem ousaria se apresentar sem “nome próprio, sem desejo próprio, sem nacionalidade, quando estas se tornaram a credencial de autenticidade, de liberdade, de autenticidade?” (PERCIA, 2020, p. 106), segundo a ideologia europeia. Quem ousaria perder sua máscara? Quanta liberdade tem uma história do eu correspondente a si mesma? Talvez seja esta a pergunta zapatista (e mexicana – com minúscula) por excelência. “Somos todos subcomandante Marcos, sob a condição de romper o espelho” (LARROSA, 2017, p. 84).

³⁵ *nos/otras* é um conceito utilizado por Gloria Anzaldúa (2020) ao longo de sua tese de doutorado.

Romances familiares

(Diz um livro: substitui-se *genealogia por geologia*).

Enrique Pichon-Rivière (1997, p. 8) diz que decide estudar as “ciências do homem”, a raiz da emigração de seus pais e dele mesmo aos 4 anos, desde Genebra rumo à pampa argentina, onde se “adaptaram” a uma vizinhança com a cultura guarani. Escreve:

A família esquizoide, por sua vez, tende à dissolução, à ruptura progressiva dos vínculos, a unidade familiar é escassa e quase nula. Seus integrantes migram frequentemente, rompem a comunicação e desconhecem a nostalgia. O arquétipo ou modo de conduta é o pioneiro, o aventureiro, que perde contato com sua família, que não escreve. Isto se deve, na verdade, à intensidade da internalização que lhe permite manter diálogo com seus objetos internos, experimentando assim uma proximidade interior que lhe impede de vivenciar sua solidão. (ibid., p. 73)

Sobre sobres e envelopes.

Pede-lhe que deixe o pagamento das sessões em um envelope [sobre] por baixo da porta. Demora vários dias. Um dia, ao entrar, vê esse envelope [sobre] esperando sobre o piso. De um lado, umas rasuras sobre o nome escrito com letras pequenas, e do outro lado do envelope [sobre], seu nome escrito em letra maiúscula, em vermelho, e dentro do envelope [sobre], o dinheiro. (Cobrando caro e pagando caro).

Um dia escutou de sua mãe, quem lhe deu um nome que, em latim, significa “pequena”, que assim era para que pudesse viajar pelo mundo sem ter maiores problemas ao pronunciá-lo ou ao ser pronunciado.

Paisagens melódicas

O telefone deixou de ser um fiel emissário para se tornar um traidor. Ligo para minha mãe e ela atende. “Quem está aí? Quem é?” A ruptura do conhecimento agora torna explícita uma distância que sempre existiu. Eu falava e eles não me reconheciam. A necessidade de verificação põe à prova a filiação.
(PRECIADO, 2019, p. 170, tradução livre)

Com que voz podemos falar? Nos emprestará sua voz a onça? Falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz em uma viagem interestelar: traduzir nossa diferença em relação à linguagem da norma; enquanto continuamos, em segredo, fazendo proliferar um blábláblá insólito que a lei não entende.
(ibid.)

Poderíamos falar do mistério do canto? Como é que se chega a cantar? Cada território tem sua música, seu som, seu canto, sua vibração. Canta-se o que vibra? Ou, ao contrário, vibra o que não se canta? Como se canta? Para responder a essas perguntas, ou tentar desdobrá-las, teríamos de ir rumo à voz, pois a voz é o mais próximo da pulsão oral (CABRERA, 2015, p. 142-152). Um órgão situado na boca: o bebê *chupa*, suga, absorve, é um pequeno vampiro, segundo Lacan. Absorve não apenas leite, mas absorve a voz, a voz materna; a voz é, inclusive, prévia ao *campo de órgãos afetivos de lo madre, lo mãe*,³⁶ porquanto a voz vibra no útero, assim como a voz que seduz os espermatozoides para que saltem de um campo a outro (ou a voz do espermatozoide que chama). A voz é

³⁶ Sobre o uso do pronome *lo*, ver nota ao capítulo Animismos da língua. [N.T.]

envoltura sensorial. Uma sensibilidade vibratória: infinitas variáveis de entonação e pronúncia acerca da palavra. Como se desenha a voz? Para desenhar e esboçar a voz, entretanto, é preciso distingui-la daquele *campo de órgãos afetivos*, ou melhor, dito de outro modo: gerar seu próprio tom, tonalidade, *acento*, sotaque, bem como seu olhar: sua perspectiva. Pois, dentro do circuito pulsional do *infans*, existem três registros: voz, palavra e olhar.³⁷

Contudo, poderíamos afirmar que as *lalações*, balbucios, são modos de conexão entre voz, palavra e uma possível canção, melodia, composição? Por acaso seria a musicalidade do canto testemunho de um corpo? Ou seria a experiência de um canto o que autoriza um corpo, um corpo para si? Seriam correlatos canto e corpo? Seria o canto uma operação para subjetivar, singularizar? Dito isso, e formulando novamente: seria, portanto, uma questão de não apenas poder falar, mas cantar? Por exemplo, para os Yanomami, a singularização se dá com as marcas e os nomes, que não apenas autorizam a falar, mas a cantar. Segundo essa perspectiva, é possível singularizar ou des-singularizar cada vez mais.³⁸ Sobre esse procedimento, diz Viveiros de Castro (2018, p. 160):

O guerreiro, por meio de um jogo anafórico complexo, fala de si mesmo desde o ponto de vista de seu inimigo morto: a vítima que é o sujeito e o tema do canto, fala-canta através de seu inimigo canibal. Ele aprende como sujeito a partir do momento em que se vê a si mesmo através do olhar de sua vítima, quando ele pronuncia sua própria singularidade através da voz do outro. Perspectivismo.

³⁷ “Para que o infante tenha sua própria voz, para se fazer escutar, é preciso ter escutado, em um tempo lógico anterior, a voz da sua mãe. Logo serão postas em jogo para o infante a pulsão escópica, olhar-ser olhado, a pulsão de comunicar (Freud), a de ser reconhecido; esta consiste em chamar, fazer-se escutar, ser escutado, e estas operações o infante não faz sozinho, é um circuito pulsional com sua mãe.” (CABRERA, 2015, p. 142-152, tradução livre).

³⁸ Notas pessoais sobre o Seminário de transmissão “Os nomes do Pai”, conduzido por Christian Dunker, Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, maio de 2021.

Seria esse tipo de canto uma posição tanto complexa quanto privilegiada dentro do que poderíamos chamar *processualidades de singularização*, que, de certa forma, produzem a “voz própria”, enquanto recolhe o traço e as marcas e os nomes de Outros? Diferentemente da noção de *introjeção* em psicanálise, os procedimentos de *executar e devorar*, mais que introduzir o objeto e deixá-lo estancado, assimilado e vibrando para dentro, de certa forma curva a digestão intestinal rumo à garganta e a faz passar ao vibratório na direção de uma modulação sonora. “A relação entre vivos e mortos, entre o guerreiro e sua vítima, onde o canibalismo cumpre outra função, já que não se trata exatamente de uma identificação, é uma *fusão ritual*; onde não há confrontação, mas uma espécie de assimilação *de uma subjetividade pela outra*. Aqui, a transmissão se dá por um intercâmbio de nomes.” (ibid.). Dentro dessa lógica, poderíamos afirmar que o “nome próprio” remete à externalização de uma relação interiorizada, portanto, o “nome próprio”, como singularizador, operaria fora do nome genealógico, porquanto “existem os nomes próprios e os nomes de filiação” (ibid.).

A noção de “nome próprio” poderia estar relacionada ao totemismo, onde cada integrante de um grupo é filho de, sobrinho de, etc.: certa passagem análoga ao Edipismo [sic] (os nomes do Pai/animal Totem), como configuração social, mental, ecológica.

Passo por esse pequeno esquema simplesmente para passar sobre os *nomes*, só passando, *en passant*. Digo passar pelos nomes só passando pois me parece minimamente relevante dar conta do que se está profanando ante a pergunta: o que fazemos quando “o nome próprio não tem sentido em si mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1990, p. 33)? Ou seja, poderíamos pensar o “nome próprio” em outros termos? Quer dizer, o nome próprio desde uma perspectiva estrangeira, onde o canto menor opera como *sussurro ético*?

Voltando à topologia do campo pulsional desenhada por Freud, poderíamos chamar Melanie Klein – para analisar Freud em seu desenho – enquanto pensadora da *lalação*, do *desenho-ganso* (PELBART, 2020), da fragmentação conectiva, posto que “Melanie Klein é nossa Antonin Artaud – justiça para Melanie Klein! (as modas a aniquilaram) – nela não há corpo, há boca, há língua, há choro, algo que ainda não sabemos chamar como um corpo.”³⁹ Daí é que talvez surja uma micropolítica do canto menor. Naqueles gestos “anteriores à linguagem”, à “voz própria”, ao “nome próprio”. Um registro melódico onde a música se produz junto ao gesto. A linguagem frente ao gesto. É o balé da humanidade que perdeu o gesto, diz Nietzsche na voz de Agamben (PODESTA *apud* AGAMBEN, 2020, p. 9). Nesse sentido, a construção, o construtivismo intensivo do gesto, aponta para uma ritmicidade-fugaz do pequeno canto, canto menor.

A dança do canto

[...] bailavam, umas com outras, umas meninas. Assim que as meninas reconheceram Zaratustra, deixaram de dançar; mas Zaratustra se aproximou delas com um gesto amistoso e disse estas palavras: ‘Não deixem de dançar, encantadoras meninas! Não chegou a vocês, com olhar malvado, nenhum estraga-prazeres, nenhum inimigo de meninas.

Advogado de Deus sou eu ante o diabo: este é o espírito da pesadez. Como haveria eu de ser, oh levezas, hostil a bailes divinos? Ou a pés de meninas de belos tornozelos? [...]

Não se aborreçam comigo, belas bailarinas, se castigo o pequeno deus! Gritará certamente e chorará!

Mas o riso o move inclusive quando chora!

E com lágrimas nos olhos deve nos pedir um baile; eu mesmo quero cantar uma canção para seu baile:

³⁹ PERCIA, Marcelo. *Conversaciones después de clase: Imposiciones sobre los cuerpos y los géneros*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-cFTOSolws&t=4384s>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Uma canção de baile e de mofa contra o espírito da pesadez, meu supremo e mais poderoso diabo, o que eles dizem que é ‘o senhor deste mundo’. (NIETZSCHE, 1972, p. 189-190)

Zaratustra, que sempre caminhou – um pensador dos pés e tornozelos se pergunta pelo espírito *da pesadez* –, será por isso que caminha e quer dançar? Zaratustra deseja cantar junto com “*las muchachas*”, “as meninas”, mas não quer espantá-las – antes, deseja estabelecer uma aliança com elas. *O canto que ri e faz escapar o espírito da pesadez*. Não são bailarinas, mas meninas que dançam, talvez dançarinas às vezes. É dança e canção, pois se dança junto com essa música que afugenta o *espírito da pesadez* – talvez seja aqui quando deixam de ser bailarinas clássicas para ser simplesmente *muchachas*, meninas que dançam. Em seu reverso estão as bailarinas, aquelas de leve peso, que sobem pelos ares em contorções tanto dificultosas quanto modernas – que tanto pode sobrevoar uma bailarina com musculatura de concreto? Fraturar a clavícula em uma contração aérea?!

O filósofo as convoca cantando para compor, junto com elas, uma imagem de pensamento: “(...) a dançarina como metáfora ideal de um pensamento leve, *ligero*” (BARDET, 2012, p. 31). Como pensador dos pés, se interessa mais nas contorções de tornozelo, pois bem sabe que a “elevação” não é oposta à pesadez, mas é transversal (ibid.), quer dizer, a menina de belos tornozelos não salta, essas dançarinas simplesmente não se elevam, melhor, pensam com os pés, onde o leve, *ligero*, é o passo-peso do movimento. Para Nietzsche, esta metáfora do pensamento profana o platonismo “da bailarina clássica” enquanto criatura que salta para o céu na busca de um domínio de si e de um reconhecimento no outro: “Um outro construído para outro.”⁴⁰

⁴⁰ “Toda a dinâmica do falso *self* poderia ser evocada aqui. Embora adquirisse relevo especial em autores como Winnicott, essa dinâmica já existia em Freud sob a forma geral do sintoma e do núcleo patógeno, bem como sob a forma de ‘um outro construído para um outro’, em Lacan, que soube definir o ‘ego’ por sua função de desconhecimento e como frustração na essência.” (SCHIAVON, 2019, p. 21, tradução livre).

Zaratustra “convoca em primeiro lugar os passos das dançarinas de pés ligeiros. Zaratustra anuncia ‘o canto da dança’ como os movimentos dos ‘leves’ que dançam contra o espírito da pesadez” (SCHIAVON, 2019, p. 21, tradução livre). O leve, *ligero*, então, é fazer mover sobre a terra, no solo. “Não é pura metáfora retórica, pura imagem do pensamento: quando Nietzsche convoca a dançarina para essa leveza, a deixa ver como presença bem real, inclusive como atividade concreta” (ibid., p. 32, tradução livre). Para afugentar com seu *canto-fala* esse inimigo, “o diabo da pesadez”, Zaratustra devém mulher, *e esta é a canção que Zaratustra cantou enquanto Cupido e as meninas dançavam juntos*: “Mas eu sou apenas mutável, e selvagem, e uma mulher em tudo, e não virtuosa: ainda que para vós os homens me chamem ‘a profunda’, ou ‘a fiel’, ‘a eterna’, a ‘cheia de mistério” (NIETZSCHE, 1972, p. 189-190), irônica, prossegue – agora como mulher –: “Vós, homens, no entanto, me outorgais sempre como presente vossas próprias virtudes – ai, vós, os virtuosos!” (ibid.).

Seu movimento contra a pesadez é uma operação que toma a leveza como um riso, um canto de dança e broma, é o modo como pronuncia sua singularidade através da voz do outro (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 161). A sensibilidade de Zaratustra é tão *ligera*, leve, que vê que as meninas dançam dentro de uma atmosfera específica, entre árvores e ervas-daninhas, ao entardecer, em um bosque. *A menina é um estado atmosférico: o clima, a qualidade*. Dançam para elas, seu modo de operação não é dirigido ao reconhecimento, nem vai em direção ao céu. “Minha dança não se encontra na relação ver/ser visto” (UNO, 2018, p. 46). Talvez seja por isso que aceitam a canção-aliança de Zaratustra. “O eros na menina combina a figura especial da Mãe primordial (*Gaia*) com aquele estrangeiro sem nome, e espera que este surja desde o desconhecido e indiferenciável, desde o sem nome e sem categorias, a menina

espera que esse estrangeiro entre em sua cama” (VON SAMSONOW, 2019, p. 57, tradução livre).

As meninas, então, para dizê-lo de outra maneira, buscam o estrangeiro, esse estranho que Zaratustra convoca com elas, uma vez que “a busca do estrangeiro é oposta ao platonismo, em termos eróticos, pois seu modo de operação não é dirigido ao reconhecimento” (ibid., p. 56, tradução livre). O estrangeiro se torna um *aliem íntimo*, parte de um grupo não-humano. Como diz Zaratustra: *meus animais me guiam*. Assim, as meninas, *muchachas*, fazem de sua bandeira um autoerotismo perverso polimorfo do gesto rítmico da dança, junto com seus animais, tal como o bebê winnicottiano, que experimenta o *continuum* do existir, em sua relação intensiva com seu estado de presença estranho-estrangeiro. Assim *cantou* Zaratustra, fazendo o ritmo desde sua língua.

Brinquedos e jogos maquínicos

Guiem-me os meus animais.

Zaratustra

Infâncias que procuram romper o feitiço e jogar, desejam *lalalaliar*.

Infâncias fazem uma cabana com um *têxtil maquínico*. Uma pequena cabaninha: uma criança junto com seus animais. De noite, com uma lanterna, ilumina os cantos da arquitetura de paus e panos. Dentro dela, um carrossel: com cavalinhos, cisnes e outros seres do reino animal – e animado. Infâncias querem brincar.

Impedimentos, momentos, passos, passagens. O carrossel produz visões do inconsciente: em quais confiar? Quais deixar passar? Quais passam sem

pedir licença? Algumas imagens assustam as infâncias: um cavalinho disfarçado de fantasma? Melanie Klein:

A mesa, a cadeira, o banco e o sofá levantam subitamente seus braços e exclamam: ‘Fora daqui com essa criancinha suja!’ O relógio tem uma dor de estômago terrível e começa a falar chinês. Tudo sofre uma mudança aterradora. A criança recua de costas para a parede e treme de medo e desolação. O fogão cospe-lhe uma chuva de faíscas. Esconde-se atrás dos móveis. (KLEIN, 1929)⁴¹

Infâncias ficam apavoradas, sem poder brincar. A criança fica sozinha, dentro da sua cabaninha com esse animado – e animista – carrossel. *O fogão cospe-lhe uma chuva de faíscas*. Mas a criancinha tem seus animais de pelúcia, ficam aí, os abraça. *Meus animais me guiam*, diz Zaratustra.

Infâncias se surpreendem com todo aquele jogo de visões: luzes, sombras, *espejismos*, miragens, deslumbramentos, eclipses, pontos cegos: matizes que assombram, tencionam, tremem.

Um carrossel como uma assembleia da memória onde convergem memórias de memórias, memórias da desmemória, memórias do esquecimento, memórias do não saber, memórias do trauma, memórias do abandono, memórias da força, memórias do gozo, memórias de memórias: todas juntas e unidas em um entremeado de luzes, tonalidades, velocidades, repousos *abismantes*, abissais.

⁴¹ Fragmentos da peça de teatro de Eduard Jacob em Berliner Tageblatt, citadas por Melanie Klein para o artigo mencionado.

“O passado vivido volta graças a tudo o que não foi vivido. A imitação voluntária da memória involuntária nem se cinge de agora em diante aos fatos senão à sua ressonância: os fatos fornecem os esquemas.”⁴²

Distâncias. Se afasta da cabaninha, vai dormir e se refugia na vulnerabilidade do seu sonho, naquele mágico colchão, que desdobra dobras e redobras de sua experiência de jogo frustrado.

Dorme junto com seus animais, chupa o dedo do ursinho de pelúcia. “O bebê utiliza um objeto antes de dormir como defesa contra a ansiedade, ansiedade de tipo depressivo”.⁴³ Um sonho como feixe de imagens e sensações sem contorno, fronteiriças. Sonho em trânsito.

Despertares. Cada manhã, um suave despertar. A criança, junto a suas pelúcias, pega sua bicicleta e se lança rumo à sua vital vadiagem diária. Vê ao longe uma linha de luz *nagual* atravessando a retina de seus olhos, suavemente. Observa ao longe um ganso se aproximando. É um ganso branco, uma imagem-ganso⁴⁴— imagem-ganso?

As *imagens-ganso* provêm do reino animal, são imagens de outra memória, *uma memória primeva* (ibid., p. 2), e arrastam consigo certa beleza menos animada, ou animada desde outro lugar, uma imagem menos domesticada por aquelas imagens do carrossel.

⁴² KLOSSOWSKI, 2021, p. 37.

⁴³ WINNICOTT, 2019, p. 18.

⁴⁴ PELBART, 2020, p. 1-6.

Talvez seja a imagem privilegiada do *undercommon* pré-verbal, porquanto não representa nada, não diz nada, não opera no dizer *comum*, na noção *comum*, no representar *comum*, nas obviedades que instala o “suposto saber”.⁴⁵ Antes, apresenta uma outra memória primitiva. É uma bela imagem, diz Verdades, *como ganso* – animado – *levantando Voo* – passa sem pedir passagem nem licença: passa como *ganso*. A criança corre atrás do ganso, ou é o ganso que corre atrás dela?

Dessas imagens ‘livres’ tem-se uma memória outra, primeva. ‘Somos assediados por um povo de imagens’, diz ele [Deligny]. Somos povoados por elas, mas elas não aparecem, por demais submersas pelas imagens domesticadas. Não é difícil domesticar um ganso, ou uma imagem. Apesar disso, gansos selvagens continuam levantando voo e atravessando os céus em formação geométrica, em V. ‘As verdadeiras imagens, aquelas que não estão sobrecarregadas de representar o que quer que seja, têm, entre si, formas que só esperam as circunstâncias oportunas para desdobrarem-se como antes’ [Deligny]. (PELBART, 2020, p. 1-6)

A *imagem-ganso* faz o *aguante*, o *suporte*, “aguenta firma, isto é, ela resiste a significar aquilo que desejam lhe impor” – *os fãs da enfermidade* – e “nisso há algo da ética, termo nebuloso, diz Deligny” (ibid., p. 3). Uma ética do *ping-pong*? Onde as imagens operam como meios de transporte? Uma ética do ato criador da imagem? Uma ética do *saber fazer* da imagem? Vejamos.

A ‘ética é o impulso que nos leva a dar cabeçada contra os limites da linguagem. É exatamente o trabalho do tomador de imagens. Seu trabalho essencial é estar impregnado da ideia de que se trata de ultrapassar os limites da linguagem, e não ficar escravizado por não sei qual sistema simbólico. É preciso atravessá-lo. Isso é a ética’ [Deligny].

⁴⁵ ROSTAGNOTTO, 2021.

E mais: “Não se trata de fazer disso uma hipótese científica, ‘colossal’, como seria a freudiana, pois no fundo não importa se é verdadeiro ou falso, importa que isso ajude a desfazer certos hábitos do ‘imaginar’ ou ‘captar imagens’”⁴⁶

São visões belas, especialmente para as infâncias cegas de narciso: imagens multitonais, imagens arco-íris, policromáticas. Desestabilizam o conhecido: é assim como a intensidade passa ou não passa. Quer dizer, imagens insubordinadas a uma forma única de uma imagem de si e do mundo. Uma ética da imagem-ganso está também associada à prudência, como um ponto de passagem do que é atravessado justamente por contornos não muito definidos: remonta a um intensivo, a certa potência de visão, e requer certa prudência em *como e com que* nos deixamos afetar. “Os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que lhes convêm ou não, que passam ou não passam.”⁴⁷ A qualidade da imagem é da ordem do vivo, não carrega nem forma e nem representação.

Evade normopatias⁴⁸ com compulsão a interpretar.

Imagens-ganso que fazem explodir – pelos ares –, ou melhor, fazem suspender o juízo, pois o juízo opera desde uma proximidade com a imagem fixa, estancada, que faz do niilismo um Estado. Talvez a imagem-ganso abra possibilidades de ativar um tipo de pensamento enquanto inteligência da nova percepção em relação com a força – toda imagem carrega uma força. Quer

⁴⁶ PELBART, 2020, p. 3.

⁴⁷ PARNET; DELEUZE, 1977, p. 4.

⁴⁸ Conceito de Marie Depussé.

dizer, o ativo da força, a força ativa, faz uma avaliação ética sobre as outras forças, pois é, de certa maneira, pouco amiga das forças reativas. A diminuição tonal ou a mudança de cor aponta para a dissolução do reativo em favor da linha ativa.

A prudência não deve ser um cinto de castidade, pois a prudência reside no sentido. Percepções não registradas, o não capturado. O ganso interrompe, interrompe as tramas modeladas pelo aturdimiento: deslocaliza como *lingua extranjera*.

Podem infâncias brincar com um ganso? De certa forma, o ganso, por mais indomesticado que seja, se move como gato, ronrona, acaricia, então se vai, volta. Produz algum tipo de ritmo. “A distância crítica não é uma medida, é um ritmo. Mas, justamente, o ritmo é tomado num devir que leva consigo as distâncias entre personagens, para fazer delas personagens rítmicos, eles próprios mais ou menos distantes, mais ou menos combináveis (intervalos).”⁴⁹ Contudo, a infância deve entrar na imagem sem pedir permissão, brincar com ela sem pudor: com confiança, entregar-se a uma espécie de simbiose com o ganso.⁵⁰

É uma imagem que goza de boa saúde: é *anti-fã* da enfermidade. Suspende, move-se como Zarathustra: “(...) deslizar desde uma perspectiva para outra, [olhar de cima e olhar de baixo], essa mobilidade de perspectiva é o que Nietzsche via como signo de boa saúde, o excepcional.”⁵¹

⁴⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 326.

⁵⁰ DELEUZE, 2006, p. 69.

⁵¹ LARROSA, 2017, p. 96.

Uma imagem-ganso *é gansa*. Gansa, no vocabulário popular,⁵² se refere a uma “pessoa ingênua, uma pessoa *despistada*, distraída”. *Despista*, distrai, *deslocaliza*, desloca, *gansea*. Próxima a uma fórmula de Lacan, onde sou não penso! e onde não penso sou! PAM! *Des-pistar-se*, dis-trair-se, *salirse de pista*, sair de cena, *irse de pistas*, deixar pistas...

Nesse sentido, devolve-se a imagem ao sujeito como percepção, para ver o próprio funcionamento de algumas imagens, seus modos de operação, que, desse modo, são livres e demandam uma existência – aí está sua dimensão sensível e *conexionista*.⁵³

É como dizer que toda imagem só existe na medida em que há uma alma por trás dela, que a percebe ou que, através dela, está no ato de imaginar. Há sensível apenas porque há viventes no universo (homem ou animal, aqui a distinção não tem nenhuma importância): a condição de possibilidade da percepção (e, conseqüentemente, da imagem) é, de fato, a existência de um sujeito.⁵⁴

A *imagem-ganso*, nesse sentido, produz as condições de liberdade, enquanto imagens livres, livres de um sistema de representação. Nesse caso, livres da subjetividade – livres de uma simbiose com uma forma de olhar. É assim que se apresentam as condições de liberdade associadas à responsabilidade ética, e que Lacan chama de *savoir-faire*. Um novo saber-fazer. Liberdade é cuidar, consentir, acompanhar, criar. Dar-lhe um dizer.

⁵² Da língua chilena.

⁵³ Conceito de Anzaldúa (2020).

⁵⁴ COCCIA, 2011, p. 49.

Trata-se de um tipo de conquista de outra coisa. É a conquista da cor. “Um aeroporto de luz, de sombra, de partículas.”⁵⁵ Um plano para desdobrar/instaurar uma atmosfera é captar a vibração para dar vida à matéria, dar vida às cores, dar-lhes uma alma (ibid.). Portanto, o ativo da conquista, como caçador de partículas, faz da imagem-ganso um animal que *Voa*, instaurando movimentos – criando conectores, captos, transmissores (ibid.)⁵⁶ –, e assim como não pede permissão, se autoriza por si mesma e assume sua capacidade de liberdade a favor da conquista da luz, dos gestos, dos seus sons. Assumindo um tipo de insolência que “faz [dela] gesto insolente do desejo”.⁵⁷

Um jovem pintor chamado Van Gogh – que pintou uns 800 quadros e mais de 1.600 desenhos –, dizem por aí que conquistou a cor, uma nova cor. Pois bem, seu problema é que perdeu uma orelha... outros perderam um pé, um braço, uma língua...

Na presença (de um quadro) sempre está a insistência do sorriso: “o sorriso está além do rosto e debaixo do rosto.”⁵⁸

O sorriso sempre está!

Presente, companheiras!

⁵⁵ LAPOUJADE, 2018, p. 112.

⁵⁶ “Intensificadores para ganhar e aumentar em realidade.”

⁵⁷ FLORES, 2019, p. 38.

⁵⁸ DELEUZE, 2016.

As meninas-irmãs do objeto zaratustriano ou do
construtivismo de uma língua intensiva.

Infância intensiva. “A infância que vive dentro de nós é outra coisa. Uma experiência de pura intensidade, uma droga rara que uma vez se provou é difícil esquecer. Uma carga de espírito proporciona uma leveza comparável com a ebriedade e uma criatividade intacta. “A infância está catalogada como Segredo de Estado” – nos diz Anne Dufourmantelle (2019, p. 211-214), e pergunta – “Por que será que essa infância nos é proibida a tal ponto? Em que consistem sua periculosidade, sua extrema inflamabilidade, seu poder de contágio, sua loucura?”.

“A criança tem que devir criança, assim como a mulher tem que devir mulher.”⁵⁹

Se fosse para colocar os devires em uma ordem de hierarquias – desde a perspectiva de “um homem pensando sobre si mesmo” – certamente o devir *criança* seria um dos mais “baixos”, se bem que não tão baixo como o animal ou vegetal.

Escrever infâncias não é superfície = idiotia = inocência⁶⁰, necessariamente.

Uma infância pode ser como uma linha? linha de cocaína? linha de direção? linha de distribuição? linha de produção? linha de circulação?...

“Longe de se instituírem em uma posição deficitária do ponto de vista cognitivo, às vezes permitem aceder a verdades existenciais altamente enriquecedoras?”⁶¹

“Movi meus lábios, mas não havia nada para chupar, mesmo assim chupei ao ritmo do olhar da minha mãe, não ao ritmo dos seus peitos. E como não tive irmãos, os inventei.”⁶²

⁵⁹ LARROSA, 2017, p. 96.

⁶⁰ Ibid., p. 68.

⁶¹ GUATTARI, 2019, p. 383-397.

⁶² TOSQUELLES, 1991.

“Dizem que Nietzsche, quando criança, escrevia poemas e fazia obras de arte desde os 6 anos.”⁶³

“Um desenho infantil não é uma obra de arte, é um chamado para novas circunstâncias.”⁶⁴

A Pantera Cor de Rosa (o desenho animado infantil) pintava a parede atrás dela de cor de rosa: devém impessoal. Rumo a um mundo rosa. Rosa (Luxemburgo) disse uma vez: *Quem não se movimenta não escuta o ruído das correntes que o prendem.*

Zaratustra observa uma obra de arte em sua casa – dizem por aí que a obra de arte está ali *onde galopam os cavalos.*

“O afeto está constantemente em busca de reconquistar a si mesmo. Além disso, é essencialmente deste voo ontológico ‘para trás’.”⁶⁵

“(…) os ritornelos do tempo perdido (…).”⁶⁶

“(Este roteiro dos lugares-comuns é uma raiz louca que te empurra para além das margens. Uma raiz já ‘ida’ (fora) que te mantém no lugar).”⁶⁷

⁶³ LARROSA, 2017, p. 99.

⁶⁴ DELIGNY, 2018, p. 157.

⁶⁵ GUATTARI, 2019, p. 251-267.

⁶⁶ IBID.

⁶⁷ GLISSANT, 2019, p. 54.

“Acredito que para você a análise é uma espécie de presente de Natal. Diz Freud a Lou Salomé. ‘Sim’, responde – entregando uma carta, que diz ‘fui um gato’, sorri.”⁶⁸

⁶⁸ “‘A gata narcisista’, Lou Salomé relata a Freud os motivos pelos quais ela se dedica plenamente à Psicanálise. Freud se manifesta rindo: ‘Acredito que para você a análise é uma espécie de presente de natal’.” Disponível em: <http://delmensajeropsi.blogspot.com/2016/07/lou-andreas-salome-de-mujer-citas.htm> Acesso em: 23 set. 2021.

poro.

Como a membrana mais extensa dos meus órgãos vitais, a minha pele é capaz de respirar pelos poros, e isso faz possível eu me situar – às vezes – para sentir quais intensidades passam ou não pelos poros, pela carne, pelo corpo. O continuum de minha pele como membrana me sugere uma geografia menor, onde se formam limites e fronteiras à medida que ela vai se regenerando, esburacando, mudando, secando, rachando – e à medida que é tocada, acariciada, lambida, cheirada, ela pode ficar seca e dura, um território maior. O meu corpo enquanto forma – por vezes mais perceptíveis, outras imperceptíveis – pode se dilatar numa paisagem, desfigurar-se ou aparecer em contraste com o plano de fundo. A pele e suas mudanças registram minhas experiências de carne e corpo. Camadas que produzem meu devir sensível no mundo em vários graus de registro, zonas tonais, como aquela linha de luz cor de rosa horizontal que aquece os traços do meu rosto.

Por sua vez, cada sensação pode alterar meu rosto, a sua posição diante de outrem e a geografia transcontinental, transoceânica.

Minha forma de experimentar o mundo é através das minhas camadas de pele, por momentos secreções ou órgão dilatado. Cada sensação na minha pele remete em mim a uma série de sensações. A pele é o meu contorno – sustentado de acordo com a minha porosidade, com as sensações a que me lança, mas também produz, agencia, convoca, evoca, dimensiona.

Posso entrar a um território pela minha língua; isto é, o buraco da minha boca possibilita um som que abre para mim uma porta, que eu também posso fechar. Por aí me tocam sutilmente intensidades, a quais também podem ficar atoladas em algum orifício do meu corpo. A voz que

emitem minhas cordas vocais pode ficar aprisionada na minha garganta, sem circulação. Milito na liberdade de movimento dentro da minha pele, do meu contorno.

De algum modo, a liberdade de movimento da pele é uma questão de saúde menor.

Minha membrana é ampla em longitude e latitude, possui boca, membros, buracos por onde posso inserir ou expulsar partes de outros corpos – pode ser meu ânus, minha vagina, minha boca, meus olhos. Ou seja, minha pele é fronteira, limite, veículo de transporte e também território. Posso distribuir intensidades através dessas zonas topográficas, uma carícia numa determinada zona pode potencializar uma outra parte da minha membrana, e inclusive chegar até mudar meu corpo. Um membro do meu corpo pode acariciar um outro membro. Minha pele pode corar sob o olhar dos teus olhos, pode se arrepiar, pode produzir secreções ou odores. Posso produzir uma mutação no tom do som que você emite pela boca. Posso também ser absorvida pela tua boca, pela tua língua. Dissolver-me em tua carne, afixar-me e/ou estabilizar-me em algum orifício. Por exemplo, respirar na tua boca, mas me enxergar no reflexo dos teus olhos.

Uma extensão da minha membrana transcontinental – co-existo em várias paisagens enquanto posso suavizar minha pele. Minhas mãos e meus dedos podem se expandir a partir de um gesto menor rumo às tuas costas para dar um sentido ou uma sensação de corpo à tua carne. E a tua carne nas minhas mãos – um fragmento do meu corpo – me presenteiam com a possibilidade de sustentar a minha pele suficientemente porosa para receber a linha cor de rosa do horizonte no meu rosto.

Por momentos, o horizonte é o ponto de encontro onde a linha do mar e o horizonte se fundem e se fusionam num mesmo plano; meu olho se des-encontra com as distâncias perceptivas e sensoriais que acontecem nesse ponto do dia. O horizonte me permite perceber que no instante prévio à

fusão dos planos aparece a linha de luz, que me lembra da processualidade do tonal, e o procedimento de divisão que ocorre na relação das gradações dos nossos contornos.

Por momentos você se apresenta como um contorno dilatado, e a minha mão já não toca pele, mas carne. A minha mão se dissolve nessa carne. Já não há distância, porque não mais há contorno, igual que no ponto de fusão do horizonte com a linha do oceano.

Quando você perde o contorno, não há distância entre a tua carne e a extensão do meu corpo, a minha mão. Exprimo ativamente uma divisão. Invoco o momento em que a linha de luz divide o meu rosto e posso sentir o calor temperado do sol. Dessa forma, a minha mão se desliza em sua função de carícia para ativar teu sistema nervoso, para a carne ganhar espessura de contorno. Afirmo a tua afirmação e, de passagem, também a minha. Assim, o contorno do teu corpo e o do meu são orientados rumo ao local de uma troca dos sentidos, onde podem coexistir se falando – a carícia pode ser intermitente – como uma onda de batida vital, sem sufocar nem extinguir o ritmo.

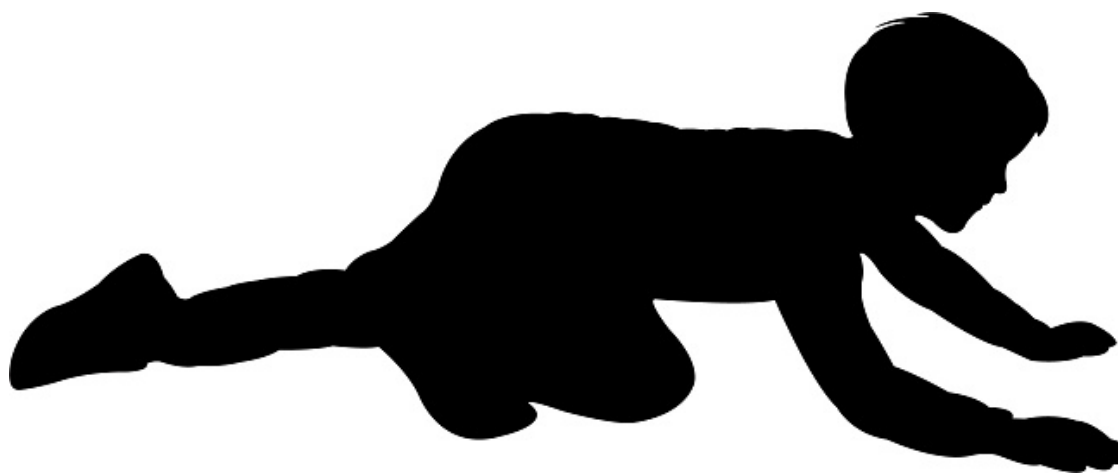
É possível escrever infâncias desde uma frágil arquitetura de citações e frases que não param de desenhar um retângulo de texto, um parágrafo, um bloco? Como pequena decisão amorosa de fazer repousar numa cesta algumas pequenas palavras em uma superfície para logo abraçá-las como a essa pequena pelúcia que repousa na vitrine da loja pronta para ser animada? *Criar com o dado, talvez não se trate de outra coisa.*⁶⁹

⁶⁹ “Winnicott tem uma ideia precisa – nos diz Marcelo Percia –. Um bicho de pelúcia na vitrine de uma loja se exhibe como mercadoria, jaz como existência não-criada. Mas esse bicho nos braços de uma vida pequena devém amparo desejado. Criar o dado, talvez não se trate de outra coisa.” Em “Animismos da língua” *Tweet* de Marcelo Percia: Disponível em @marcelo_percia. Acesso em: set. 2021.

Linhas que experimentam seu próprio ponto de vista infantil, próprio do movimento de *ritmicidade intensiva*, composta de pequenos movimentos psicomotores, pequenas superfícies de um grande movimento de *lenguas de lenguas*, línguas de línguas, pés de pés? *Gateos de gateos*, engatinhados de engatinhados.

Responsabilizar-se por assumir deliberadamente um estado transicional, seu paradoxo. Como uma zona de cor *Rosa*. Um pequeno canto?

Como um pequeno colóquio infantil onde se transita por retóricas passageiras – *transitando nos lugares certos* – que às vezes deslizam e giram a zonas mais vulgares: como fábulas e moralismos que deixam felizes os adultos. *If little children managed to make their protests heard in nursery school, or even simply their questions, it would be enough to derail the whole educational system. In reality, the system in which we live cannot tolerate anything.*⁷⁰



⁷⁰ Disse Deleuze em algum livro não localizado.

Infâncias *reclamam seu animismo*: sua perspectiva. Resgatar e fazer sentido de um ponto de vista – fazer-lhe justiça⁷¹ –, autorizá-lo. Uma justiça do inconsciente como uma forma de abraçar o originário.

“A dor de um luto que se infinitiza, pois se trata, sempre de novo, de reencontrar e perder a tal criança.”⁷²

“A inclinação à melancolia, em especial, ensina que a dor decorre não diretamente da perda, da separação do objeto, mas do superinvestimento em sua representação quando ele se encontra, no entanto, irremediavelmente perdido.”⁷³

(“esse bloco se move com seus olhos quando inclina a cabeça ou a levanta.

Esse bloco impossível de partir, que não se rompe nem se quebra, mas condiciona cada plano, cada imagem que vê. Se se rompe, perde consciência/consistência e logra uma fissura; fluido, tudo se torna compreensível, rejeita, esta viva e pode seguir trabalhando.” [BENEGAS, 2004])⁷⁴

Desculpe, perdi a linha.

Dizíamos, abraçar a infância.

⁷¹ “Como o pensar pode se ajustar novamente à vida, ao vivo? Será possível esse ajustamento, essa justiça? Era o que Lacan entendia por final de análise– o momento em que um sujeito passa a viver a pulsão.” (SCHIAVON 2019, p. 21).

⁷² SCHIAVON, 2019, p. 309.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Fragmento poema original: “*De ese bloque tampoco ella puede sacar nada. Está cuajado y se mueve con sus ojos cuando inclina la cabeza o la alza. ¿Quién rompería esa laja? Es como su identidad ahora. Ese bloque imposible de partir que ni estalla ni se quiebra, pero condiciona cada plano, cada imagen que ve. Se rompe. Hace un escándalo, pierde conciencia y logra una fisura. Fluido, todo se vuelve comprensible. Desecha está viva y puede trabajar.*”

E o que é dar um abraço? – como economia amorosa, no sentido do *teletransporte amoroso*?

Transporte: de um Estado de infância a um estado de infância.

Encontram-se em um díptico histórico: estados e Estados: “Duas sensações se enfrentam, tendo cada uma um nível ou uma zona, e pondo em comunicação seus níveis respectivos. Não estamos já no domínio da simples vibração, mas da ressonância.”⁷⁵

Trata-se de fazer cair uma sobre a outra, (*reencontrar e perder*), posto que uma está acoplada à outra: corpos esmagados na mesma figura (*ibid.*).

Um abraço histórico pode fazer o mundo devir rosa.

Para fazer surgir algo irreduzível aos dois.

O trabalho do abraço das sensações não apela a uma Figura.

Apela ao sorriso. Oury se pergunta: “Um sorriso, e o que havia atrás de um sorriso? Atrás desse sorriso há certamente o que podemos chamar de um fenômeno de *amabilidade*.”⁷⁶

⁷⁵ DELEUZE, 2016, p. 72.

⁷⁶ “*El lugar del semblante es el lugar del agente del discurso, es lo que va a desencadenar el discurso.*” (OURY, 2017, p. 64).

A *amabilidade*, o amável, a ama-bilidade da entrada (ou saída) de Estados e estados.

A amabilidade, para produzir as condições “para transitar no vazio da estrutura.”⁷⁷

E sustentar e observar seu jogo.⁷⁸

Uma criança na sala de aula, seus coleguinhas fazem belos desenhos, seguem ao pé-da-letra as instruções dos professores. A criança confusa caminha pela sala de aula, não consegue se sentar nem desenhar. Deveria se sentar e desenhar? A criança fica aí parada, como espectadora dessa cena. O que faz? Como decide? Quem decide?

Winnicott tem ideias bonitas e adequadas. O *play* e o *game*. *Play* é a exploração livre e inventiva, o *game* é um jogo com regras. Winnicott repreende os adultos por proporem jogos regrados às crianças (*game*), pois põem fim ao jogo espontâneo (*play*).

No *game*, a criança se submete a uma regra como convenção.

⁷⁷ “Pouco a pouco o processo analítico permite uma elaboração e apropriação do saber, que desvela esse semblante, e prepara as condições para transitar no vazio da estrutura. Depois dos semblantes de amor – desejo – gozo, uma vez desvelados, nos encontramos com o silêncio das pulsões, o *ser falante* não sempre fala.”

⁷⁸ “Um desses momentos é quando o analisante advém analista de seu próprio caso e sabe de que se trata, seu caso é um caso analisado, as coordenadas básicas que resolvem o enigma de seu ser, causa de seus sintomas... estão objetivadas. Mas, ainda assim, o analisante segue... segue um caminho de separação desse lugar que o alojou, que o agenciou e que o permitiu certa emancipação, a redefinição de seus laços sociais e a consolidação de um novo eu.” (ROSTAGNOTTO, 2021, p. 13).

O *play* é mais uma busca de regras, a criança busca aí as regras necessárias, ou seja, as regras que lhe tocam, que lhe afetam e que põem em jogo seu desejo.⁷⁹ Suas decisões.

Play: “A escolha se fará pela representação ou pelo afeto originário? A análise seguirá o caminho da identidade ou da diferença? Fará aliança com o eu ou com a pulsão?”⁸⁰

Um jovem amigo de Foucault cuidava de seu apartamento enquanto ele viajava e dava suas palestras; cuidava de suas plantas, suas margaridas, seus gatos, seus sapatos. Decide escrever um romance sobre Foucault, ou melhor, o romance não era sobre Foucault, mas sobre seu apartamento.⁸¹ Algo disso nos diz sobre o estado atmosférico, a qualidade, o *pathos* das “*muchachas*”, meninas irmãs do jovem Zaratustra e seus animais-companheiros.

Em *la niña*, há “apenas partículas, vibrações, movimentos infinitamente pequenos”⁸²

Ou escrever infâncias como uma fantasia de começo? (Para Winnicott, o *jogo* possibilita algo da fantasia – fantasia no sentido de que não tem lugar na realidade – na medida em que funciona como “espaço potencial”).⁸³

⁷⁹ “*El play es una búsqueda de reglas, el niño busca ahí las reglas necesarias, es decir, las reglas que lo tocan, que lo afectan y que ponen en juego su deseo sus decisiones.*” (ZOURABICHVILI, 2021, p. 126)

⁸⁰ cf. SCHIAVON, 2019.

⁸¹ Se refere a Lindon como biógrafo do apartamento de Foucault. (PRECIADO, 2019, p. 53, tradução livre)

⁸² “Não há mais máscaras, nem armas, nem negações. Há apenas partículas, vibrações, movimentos infinitamente pequenos em que a vida e a morte não são mais separáveis.” (UNO, 2018, p. 53)

⁸³ ZOURABICHVILI, 2021, p. 126.

As meninas é um falso-começo, “não é um começo verdadeiro; é mais uma pergunta e uma forma de introduzir um princípio que possa reorganizar vários campos de forças”⁸⁴

Subtrair-se, deslizar-se imperceptivelmente do lado da vida.

Antes.

“O valor de não acreditar, e então o valor de ter maravilhosamente vontade de viver *antes*, antes de toda explicação, antes de toda razão, antes de Deus, antes de toda esperança.”⁸⁵

Voltar, mas sem o eu ou quase sem o eu, sem renegar a vida. “Deslizou para fora do eu, teve essa severidade, essa paciência violenta, saiu por de(s)colagem, por irradiação, por despojamento dos sentidos.”⁸⁶

Trajatórias inúteis que se tornam úteis. A lógica da circulação da palavra, do espaço de dizer.

“*As meninas* é muito mais que os diagnósticos clichês que fazem dela uma ‘*lack of profiled (self-) definition*’. Uma carente de *self-*, uma prostituta barata e a melhor aliada do turbo-laboratório do capitalismo hiper-realista.”⁸⁷

⁸⁴ VON SAMSONOW, 20199, p. XVIII.

⁸⁵ CIXOUS, 1995, p. 118.

⁸⁶ CIXOUS, 1995, p. 118.

⁸⁷ TIQQUN, 2012.

“Devir criança, resistência à dupla submissão/revolta e ao adulto como ponto crucial da escala involutiva.”⁸⁸

A infância faz o *by-pass* ao devir mulher ou se pergunta: “Não é a perda de si mesmo, a dispersão e fluidez já demasiado familiares para as mulheres? Não é acaso o Corpo sem Órgãos [CsO] a própria condição histórica das mulheres?”⁸⁹

(Para Nietzsche, o niilismo seria a vitória das forças reativas e, portanto, o triunfo de sua chamada “moral dos escravos”, quer dizer, um tipo de triunfo – a bandeira e o troféu da dor – que operaria por uma subtração da força, um tipo de obturação sobre a capacidade enquanto potência da instância criadora.)

O escravo do ressentimento faz da dor algo medíocre – talvez um produto de consumo: um *interiors porn*⁹⁰–, faz da desgraça a culpa de alguém mais. Se a dor é a mestra da suspeita, segundo Nietzsche, isso nos levaria a nos perguntar: como estamos pensando a vida? Por que estamos como estamos?

As *moças*⁹¹ também *correm o risco* do jogo: uma casa de *moças*: *moças* que jogam como “uma princesa asiática escrevendo suas memórias em outra língua.

⁸⁸ LAROSSA, 2017, p. 96.

⁸⁹ IRIGARAY *apud* BRAIDOTTI, 2001, p. 138-139.

⁹⁰ CHOLLET, 2017, p. 251.

⁹¹ ¿*Qué es una muchacha, qué es un grupo de muchachas?* “Moças não pertencem a uma idade, a um sexo, a uma ordem ou a um reino. O que é uma moça, o que é um grupo de moças? Ao menos Proust o mostrou de uma vez por todas: como sua individuação, coletiva ou singular, não procede por subjetividade, mas por hecceidade, pura hecceidade. ‘Seres de fuga’. São puras relações de velocidades e lentidões, nada além disso. Uma moça está atrasada por velocidade: ela fez coisa demais, atravessou muitos espaços em relação ao tempo relativo daquele que a esperava. Então, a lentidão aparente da moça transforma-se em velocidade louca de nossa espera. Sem dúvida, a moça torna-se mulher, no sentido orgânico ou molar. Mas, inversamente, o devir-mulher ou a mulher molecular são a própria moça. A moça certamente não se define por sua virgindade, mas por uma relação de

Onde sua instabilidade se traduz em uma fragmentação arcaica potencial que arrisca reduzir ao caos seu pensamento e sua palavra”.⁹²

Como se cada palavra fosse um jogo ritual que gera movimentos intempestivos, descontrolados e de escassa elegância para os adultos?

“Para Winnicott já não é o adulto que explica a criança, senão a criança que dá uma nova perspectiva da vida do adulto.”⁹³

Winnicott considerava de grande importância “a contemplação e a inconsequência mental relaxada e não direcionada”.⁹⁴

movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade. Ela não pára de correr num corpo sem órgãos. Ela é linha abstrata ou linha de fuga. Por isso as moças não pertencem a uma idade, a um sexo, a uma ordem ou a um reino: elas antes deslizam entre as ordens, entre os atos, as idades, os sexos; elas produzem n sexos moleculares na linha de fuga, em relação às máquinas duais que elas atravessam de fora a fora. A única maneira de sair dos dualismos, estar-entre, passar entre, intermezzo, é o que Virgínia Woolf viveu com todas suas forças, em toda sua obra, não parando de devir. A moça é como o bloco de devir que permanece contemporâneo de cada termo oponível, homem, mulher, criança, adulto. Não é a moça que se torna mulher, é o devir-mulher que faz a moça universal; não é a criança que torna-se adulto, é o devir-criança que faz uma juventude universal. Trost, autor misterioso, fez um retrato de moça ao qual ele liga o destino da revolução: sua velocidade, seu corpo livremente maquinico, suas intensidades, sua linha abstrata ou de fuga, sua produção molecular, sua indiferença à memória, seu caráter não figurativo — ‘o não figurativo do desejo’ Joana d’Arc? Particularidade da moça no terrorismo russo, a moça da bomba, guardiã de dinamite? É certo que a política molecular passa pela moça e pela criança. Mas é certo também que as moças e as crianças não extraem suas forças do estatuto molar que as doma, nem do organismo e da subjetividade que recebem; elas extraem todas suas forças do devir molecular que elas fazem passar entre os sexos e as idades, devir-criança do adulto como da criança, devir-mulher do homem como da mulher. A moça e a criança não se tornam, é o próprio devir que é criança ou moça. A criança não se torna adulto, assim como a moça não se torna mulher; mas a moça é o devir-mulher de cada sexo, como a criança é o devir-jovem de cada idade. Saber envelhecer não é permanecer jovem, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos que constituem a juventude desta idade. Saber amar não é permanecer homem ou mulher, é extrair de seu sexo as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos, os n sexos que constituem a moça desta sexualidade. É a própria Idade que é um devir-criança, como a Sexualidade, qualquer sexualidade, um devir-mulher, isto é, uma moça.” (DELEUZE; GUATTARI, p. 273-274).

⁹² KRISTEVA, 1994, p. 16.

⁹³ ZOURABICHVILI, 2021, p. 127.

⁹⁴ WINNICOTT, 2019, p. 157.

Kafka, em *Carta ao pai*, diz que “ao se converter em advogado, reconquista pelo menos o direito de pensar, de falar ou de escrever a favor do acusado – que é ele mesmo”.⁹⁵

“O crime das ideologias totalizantes.”⁹⁶

⁹⁵ LAPOUJADE, 2018, p. 107.

⁹⁶ GLISSANT, 2019, p. 5.

Clínica menor⁹⁷

Sentir que *a vida vale a pena ser vivida* é uma das tantas frases que Winnicott nos fala em relação à topologia saúde-doença. Como não associar tal frase winnicottiana a um dos dizeres mais ouvidos na revolta do povo de um país vizinho com uma longa faixa olhando para o Oceano Pacífico? Estou falando de *até que viver valha a pena*.⁹⁸

Para Winnicott, o *self* consistiria em “reunir as condições para se sentir vivo” (LUSTGARTEN DE CANTEROS, 2018, p. 40, tradução livre). De algum modo, isso nos sugere um procedimento. Ele diz que a produção do *self* estaria ligada às micropolíticas do desejo da função materna enquanto elos pulsionais da mãe com o bebê. Uma *mãe suficientemente boa* (ou *suficientemente má*, invertendo a fórmula, ou a depender do ponto de vista) reuniria as condições pulsionais para produzir um plano de consistência existencial, estabelecendo uma trama entre carne e pele para a produção de um corpo. Assim, poderíamos falar “da mãe” como *daquilo que é mãe*, como uma “topologia de órgãos afetivos” (VON SAMSONOW, 2019) dentro de um campo existencial. Uma micropolítica das carícias, do clima, do ambiente. A produção da pele como órgão demarcador do corpo tornaria possível o bebê discernir, isto é, viabilizaria

⁹⁷ Texto elaborado em base às notas de leitura dos livros: *Cuerpo en la experiencia psicoanalítica entre Freud, Lacan y Winnicott* (2018), de Noemi Lustgarten de Canteros, e Margaret Little, *Transferencia neurótica & transferencia psicótica* (2018). Nota sobre o livro de Little: “La versión aquí presentada cuenta con el controversial texto ‘R’ La respuesta total del analista’ comentado por Jacques Lacan en su Seminario X: *La angustia*, justamente, dicho sea de paso, cuando Margaret Little conformó parte de la comisión de la IPA que asistió a ese último seminario del psicoanalista francés.” Disponível em: <https://polvoraeditorial.cl/product/transferencia-neurotica-transferencia-psicotica/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

⁹⁸ Foi uma das frases mais utilizadas no chamado “*estallido social*” no Chile, a revolta social de outubro de 2019.

a capacidade de sentir como *seu* o corpo vivo. Dito de outro modo, produzir as condições para construir uma primeira camada de pele suficientemente suave, criando um contorno apto para não ser dissolvido completamente pelo fora, dado que, na perspectiva do bebê, não há dentro nem fora. Assim, essa *mãe suficientemente boa/suficientemente má*, co-operaria como individuadora dessas primeiras membranas de pele, que têm a função de fornecer “o primeiro sentido da vida, que é *se sentir um corpo vivo*” (ibid., p. 40).

Não dá na mesma qualquer um *aquilo que é mãe*, uma vez que isso é o que produziria o “despertar pulsional do *infans*” (LUSTGARTEN DE CANTEROS, 2018, p. 102, tradução livre), que é, aliás, o campo existencial originário. A posição subjetiva *daquilo que é mãe* marcaria o pulso, o batimento vital do bebê. Isto quer dizer que “é radicalmente diferente esse despertar pulsional acontecer respeitando os ritmos do *infans*, de ele ser uma intrusão violadora” (ibid., p. 61). A partir de uma posição narcisista do desejo materno, o corpo do *infans* se hospedaria como extensão do corpo da mãe, ao ponto de não poder diferenciar seu corpo como sendo um outro. “O corpo hospedado desde essa posição ficaria sem a possibilidade de se sentir um corpo vivo, já que se regeria por regras externas” (VON SAMSONOW, 2019, tradução livre) que são, porém, percebidas como próprias.

Eis onde nasce a divisão psique-soma, que explora a atividade mental como modelo de autossustentação⁹⁹ e leva a cindir e desligar do corpo a atividade mental, algo como uma anestesia do sensível na capacidade de afetação: *zumbificação*.

⁹⁹ “Tudo quando empreendem fica para eles entre bom e ótimo, são admirados e invejados, colhem êxitos lá onde acham importante, mas isso tudo, para eles, para nada serve. Por trás espreitam a depressão, a sensação de vazio e de autoestranhamento, de viver uma existência absurda [...] assim que se esvai a droga da grandiosidade, assim que deixam de estar *on top*, de terem a segurança da super-estrela, ou quando são invadidos pelo repentino sentimento de terem falhado diante de qualquer imagem ideal que tenham de si. Então são torturados ocasionalmente por medos ou sentimentos sérios de culpa ou vergonha.” (MILLER, 2020, p. 36, tradução livre).

Para sobreviver ao Outro, o bebê se torna *anarquista*. Ocorre que “cada criança é um pequeno sábio, um pequeno Cantor.” (DELEUZE; GUATTARI, 1985, p. 106, tradução livre). Na perspectiva das teorias pulsionais propostas por Freud em “As pulsões e seus destinos” (1915), a pulsão de morte (ou narcisista) é aquela que não é exercida, ou ainda, que é exercida segundo regras externas.¹⁰⁰ Pois bem, seria preciso então introduzir aqui uma diferença a respeito da pulsão de morte desenvolvida por Natalie Zaltzman (1994, p. 62, tradução). Para ela, a “pulsão anarquista” não é a mesma coisa que a pulsão de morte, pois opera como um modo de fazer um desvio na pulsão de morte e, em tal sentido, não é binária, mas uma terceira via ligada à vida. Diz ela:

Falar de uma pulsão de morte única, cega, mortífera, ligada ao destino edipiano datado ou anti-datado das pulsões libidinais exclusivamente, funcionando apenas numa direção – contra a vida, pode mostrar a importância desse conceito e a expansão do funcionamento dessa categoria pulsional.

Embora seja pulsional, “não é emotiva – não há tempo para arbitrar os sentimentos lá onde a diferença do outro seja desenvolvida em nós como uma sombra ameaçadora” (DUFOURMANTELLE, 2018, p. 142).

Nessa topologia micropolítica, também aparece o rosto *daquilo que é mãe*. O rosto, como espelho, é capaz de devolver para o *infans* seu senso de corpo. Com o rosto apático e o *humor* depressivo *da mãe*, o bebê, por não conseguir se vincular, precisará se submeter a esse regime para poder sobreviver. A

¹⁰⁰ “Spinoza, planteaba a las enfermedades como un conjunto de relaciones en donde el cuerpo deja de funcionar en función de la propia potencia, y comienza a ejercer en función de mecanismos exteriores.” Notas del seminario de Diego Sztulwark en Santiago de Chile durante la revuelta (2019). SPINOZA DELEUZE; *La potencia de existir II, pt. 1: Spinoza / Foucault (Diego Sztulwark en Chile)* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaBIdLUbiDM>. Acesso em: 2 dez. 2019. *La pulsión, en tanto frontera entre psique y soma contiene una multiplicidad de gramáticas y destinos, siguiendo a Spinoza, dice Sztulwark del acto suicida, “es como si el brazo que sostiene la espada, se diera vuelta contra uno mismo, y se produce el suicidio. Como si una fuerza exterior hubiera tomado mi mano y mi brazo como pieza de su funcionamiento, y ya no del mío. En ese sentido viene de afuera.”*

micropolítica do “despertar pulsional”, ou o do descongelamento da pulsão – uma vez que há pulsão, segundo Dufourmantelle (2018, p. 142, tradução livre) – é, para Winnicott, uma das coordenadas a partir das quais surge a sua perspectiva de saúde. Para ele, saúde seria “sentir que a vida vale a pena ser vivida”. Nesse sentido, “a patologia surge onde não se constitui a capacidade de acreditar, confiar e criar.” (LUSTGARTEN DE CANTEROS, 2018, p. 102).

Como resgatar, ou ainda, como experimentar com os conceitos clínicos de *self* e falso *self* de Winnicott como pensamento clínico? Isto é, como discutir a ideia corretora, pedagógica, moral, disciplinante e/ou teológica desse conceito, enquanto pulsão boa-má, como falso problema?

Assim, o *falso self* opera como um território, um artifício produtor de uma realidade em si, posto que um artifício seria aquele dispositivo que possibilita deixar passar as intensidades que perdem ou ganham sentido (ROLNIK, 2016, p. 75). E mais ainda, opera como *pulsão enquanto circuito* – como exercício de articulação em direção a destinos pulsionais múltiplos e abertos.

Esse *falso self*, portanto, não é mais do que uma processualidade a caminho. Desse modo, e acompanhando von Samsonow, *o estrangeiro*, como conceito vizinho do falso *self*, não opera necessariamente como forma de autoalienação, ou como algo que vá contra si,¹⁰¹ mas, uma forma válida de existência pulsional.

A máscara ou artifício é uma realidade em si, não há nada que seja ‘verdadeiro’ no sentido de autêntico, originário – nem sobre, nem detrás, nem embaixo e nem no fundo da máscara. Sem lugar nenhum, a tentativa de achar a verdade se perde, revela-se como falso problema. (ROLNIK, 2016, p. 75)

¹⁰¹ Como assinala von Samsonow (2019, p. 62, tradução livre): “A figura do ‘estrangeiro’ no campo dos estudos culturais pouco tem feito para mudar ‘o atual estado de coisas’, referindo-se a ideia de Julia Kristeva (1994) do estrangeiro como autoalienação, ou do estrangeiro como algo que vai contra si.”

Assim, a “potência” do falso *self* não é nem a psicose, nem a neurose, “mas talvez uma determinada fragilidade, uma porosidade excessiva, abertura e permeabilidade, tudo aquilo que uma *gorda saúde dominante*, ou seja, uma autossuficiência acabada, madura, fechada, concluída, funcionando bem, nunca poderia acolher, abrigar, favorecer” (PELBART, 2018, p. 65). Portanto, poderíamos pensar esses conceitos em termos de potência, em termos das potencialidades desse território-pele. Em outras palavras, a topologia estrangeira como território a ser modulado, curvado, hospedado, ajustado.

Clínicas amistosas

A partir dessa *hospedagem*, talvez se estabeleça um vínculo transferencial que vá além do amor de transferência. Um acolhimento *amigo*. Amizade, ou amigo, num sentido nietzscheano, no qual a aliança amistosa possibilita habitar uma zona de afetação livre de identificação, e onde pode ser visto o outre como potência ainda virtual. *Aquilo que é amigo* como possibilidade de abertura para a simpatia – *é na vibração da simpatia onde acontecem as coisas*, disse Bergson.

Aquilo que é amigo, nesse sentido, possibilitaria experimentar o registro de relação transferencial – amorosa – como forma de atualizar esse primeiro contato com *aquilo que é mãe?*

Um contato, a mãe, sem ser o pai. Um diferencial de aliança. A partir *daquilo que é amigo*, para *se sentir um corpo vivo*, digno, para *valer a pena viver*.

Desse modo, a amizade, na simpatia, como materialidade transferencial, possibilitaria produzir e habitar um devir-criança, como zona de brincadeira e afetação heterogênea, numa topologia pré-edipiana. Pensada a partir da neurose, a transferência, conforme a diretriz freudiana, é algo como uma encenação inconsciente, onde são processados os afetos deslocados a partir do recalco da sexualidade infantil, produzindo uma efetuação deles num presente.

Essa materialidade transferencial não é apenas clínica, mas também uma zona micropolítica da escuta para além do pai, da mãe – para além da máquina transferencial de angústia neurótica – que acolhe a possibilidade de instituir, por sua vez, outros modos de acolhimento de uma clínica com cavalos, animaizinhos, bichos de pelúcia, flores, plantas e elementos musicais.

As meninas, *las niñas*, *les niñes*

Notemos a figura da *menina*. Elisabeth von Samsonow (2019, p. XXI) propõe a figura conceitual da menina,¹⁰² e a relação menina-mãe como primeira forma de relação, contato, *continuum* embrionário e máquina de produção em que todas as formas de solidariedade, atos de empatia e de amizade emergem.

¹⁰² No campo de forças micropolíticas *daquilo que é mãe*, como topologia clínica-conceitual, ronda o que Elisabeth von Samsonow (2019) propõe no *Anti-Electra*, uma contrarresposta feminista ao Anti-Édipo de Deleuze e Guattari. Ela retoma a trajetória das feministas da primeira onda europeia, como Luce Irigaray, que trabalharam sobre o mito de Electra (menina que odeia à mãe e ama o pai), atualizando essa leitura a partir de uma perspectiva feminista.

A ideia de reabilitar a relação menina-mãe como princípio é capaz de reorganizar vários campos de força. A menina é capaz de se produzir e produzir outros corpos a partir *daquilo que é mãe*. Assim, ela não é começo, mas reorganização de forças que não precisam ser adotadas por avatares de tipo paterno-edipiano, mas precisam, antes, se tornarem amigas de cavalinhos e ursos de pelúcia – os animais-totens das brincadeiras.

Atualizar potências

De certa forma, a ideia de reabilitar a relação mãe-filha é *amiga* da clínica winnicottiana, pois essa clínica pulsa a partir do pensamento do ato analítico e, principalmente, da transferência como modo de cuidado que permite produzir esse tipo de “estado regressivo” – ou, dito de outro modo, um devir-menina, da *menina como corpo capaz de se produzir e produzir outros corpos*. Eis “o regressivo”, portanto, como modo de reabilitar esse tipo de relação, que produz o sentido do próprio corpo, capaz de sentir (LUSTGARTEN DE CANTEROS, 2018, p. 40). Esse registro do cuidado como facilitador de um retorno “regressivo” – da mulher à menina – ou um devir-criança, apresenta-se como uma possibilidade – segundo Winnicott – de experimentar um real, ou um campo existencial originário, com o fim de revalidar as forças – uma clínica que acolhe as potências no plano da pulsão (ibid., p. 102, tradução livre).

Pois bem, a partir desse tipo de direção no trabalho clínico, Winnicott nos fala do risco de tocar, de ver e de ir para o real – zona de perigo, pela angústia do colapso ou por um eventual colapso psíquico e subjetivo. O interessante é que Winnicott observa que essa ameaça de colapso não é tal, pois isso já ocorreu num *passado puro* dentro da topologia afetiva do *infans*. Portanto, não seria uma forma de atualizar esse “passado” para elaborá-lo num presente e, depois, para um futuro. Seria, antes, “regredir” ainda mais, para atualizar a potência da topologia *daquilo que é mãe*, com rostidade, entre a *paisagem de órgãos afetivos*. A partir daí é que a reabilitação da relação menina-mãe transcorre como uma operação que, de algum modo, permite subjetivar um processo de tipo instaurador sustentado na potência dessa virtualidade.

O pequeno (e a memória das forças)

Deleuze falava da força do pequeno referindo-se à revalidação das forças das crianças – o pequeno, o *little*, em inglês.

Margaret Little (1995)¹⁰³ é uma delicada, solidária, gentil, simpática, pequena e generosa artesã do seu encontro experimental e singular com o ofício da clínica, que destitui o instituído desta para instituir o experimental da escuta, a partir da sua *inocência despersonalizada*, desprovida do infantilismo instituinte da psicanálise. Irmã-companheira do *undercommon* clínico. É a amiga Margaret

¹⁰³ Margaret Little foi uma psicanalista inglesa do grupo Medio que se analisou com Winnicott. *Relato de mi análisis con Winnicott. Angustia psicótica y contención*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1995.

Little que nos encanta, não desde um lampejo daqueles que eclipsam, mas deixa *en-cantada* algumas das suas músicas nos ouvidos, murmúrios da sua própria carne. Acaricia-nos através de algum membro do seu corpo, talvez as mãos, num pequeno empurrão para um passo e um movimento.

Uma *Little* pensadora-trabalhadora-operária, psicanalista e irmã-vizinha, pequena, daqueles “esquisitos” da psicanálise, que viram tudo do avesso, reviram o fora para dentro. Igual a Ferenczi, que, em suas dinâmicas transferenciais, não sabia muito bem quem analisava quem. Ferenczi acreditava estar sendo analisado pelos pacientes, levando a sua inocência para um plano de superfície – assim escreve em seus diários. A “inocência” seria talvez aqui mais como que uma representação submetida a um tipo de julgamento que se ocupa de autorizar uma ação baseada em fundamentos fixados, por sua vez, numa *ideia*. Igual à malcriada *Little*, que, sem se desculpar e nem pedir licença, e nem autorização de entrada, ousa escrever sua oralidade.

Caminho, raio, garrancho ... (LITTLE, 2018)

Nas suas primeiras linhas da coletânea *Hospital mental*:

É o registro do desenvolvimento do meu trabalho psicanalítico, das minhas ideias e da minha técnica [...] Isso me levou a incluir elementos mais pessoais, que são adequados habitualmente para um livro sério relacionado à psicanálise. Esse desenvolvimento é apto para ser desordenado – é como olhar para um filhote crescendo ou para um adolescente. (LITTLE, 2018, p. 29)

Ela singulariza a partir de, e na, sua língua menor – ou seu *mal hablamiento*¹⁰⁴ – a sua experiência analítica em conjunto com o devir da sua clínica, numa síntese de um processo que, em certo sentido, opera no gesto da redobra do fora para dentro, desviando um ideal de cura para uma cura que é *nem cura, nem loucura* – ou algo assim... sustentar a dignidade da diferença. Hospedar a diferença. Ser uma hospedeira-hóspede.

Não é um ‘texto’ – não é para aqueles que gostam de terem artigos classificados conforme temas [...] Porém, são relevantes, já que vêm iluminando meu desenvolvimento pessoal desde um falso *self*, e através de uma doença mental séria, para um grau relativo de ‘saúde mental’, ‘maturidade’ e integração. É sobre essa experiência que qualquer compreensão real que tiver acerca das ansiedades e dificuldades de outros se baseia. (LITTLE, 2018, p. 29)

É deste modo que o *fazer com* Little, em alguma medida, possibilita situar aqui o *estrangeiro* na perspectiva de uma *saúde menor*. Pois é Little que nos sugere não apenas *a partir* da clínica ou *sobre* a clínica, mas em meio de, e nas, adjacências de ambos os registros, *aquilo que é estrangeiro* (nela) como processo e acontecimento. Conceitualmente, o meio, como acontecimento (o terceiro corpo), não é uma linha demarcatória – é mais um território.

Winnicott escuta Little com uma sensibilidade feminizada, que entende a transferência e a intervenção como acontecimento clínico, na posição de *amigue* – *aquilo que é mãe*, como real vibrátil. Um tipo de sensibilidade que não interpreta, não “ajuda”, mas experimenta no encontro com o outro. Coprodução anti-interpretativa. Coprodução do abraço do amor menor compartilhando o pão com manteiga, o trem, as flores do jardim. Um amor

¹⁰⁴ “*Mal hablamiento*”, é uma expressão no livro *Lumpérica* da escritora chilena Diamela Eltit (1983; cf. PEDRON, 2013, p. 158). Ideia do “*mal hablamiento*” tomada de Andrea Soto-Calderón (2020) na apresentação do livro *Una cartografía extraña*.

anti-imaginário enquanto transferencial, que possibilitou ele se escutar sem se ouvir, construindo seu próprio território clínico estranho.

Sustentar a confiança nas forças do pequeno, em aliança com seu sobrenome, possibilitou restabelecer a confiança consigo mesma, tornando estrangeiro o outro e, nesse sentido, incorporando o efeito do impacto do outro no seu corpo, que, em parte, se torna seu corpo o alterizando, para hospedá-lo como *suficientemente bom*. E não se deixando seduzir pelos falsos pretendentes. Como um falso *self*, poderia ser pensando também como os falsos pretendentes de Penélope (ROLNIK, 2016, p. 36) (o platonismo).

““Eu” preciso fazer o tempo todo;
O próprio vento não tem mais propósito
Para quê?
Para controlar o tempo!
Não tenho palavras e nem língua-mãe”
Margaret Little

Língua de línguas

Infâncias com seus pequenos cantos, pequenas superfícies de linguagem da sua língua híbrida e experimentos camaleônicos, um tanto selvagens, sobre seu têxtil – experiência sensível. Uma mantinha como território para ser experimentado. Pequena textura vital. Uns primeiros passos, primeiros modos de terra e língua, hábitat estranho como campo de sentidos. Infâncias pequenas, que registram seus primeiros passos fora da sua mantinha, seu espaço de brinquedos e animais; as crianças caminham, exploram e, quando se sentem um tanto inseguras, retornam. Experimentam um lugar para onde voltar. Fazem da sua exploração a própria experiência da viagem, sua sutil conexão com o fora, uma experimentação à qual voltam, um espaço amoroso. Elas vão e voltam, vão e voltam, e, a cada vez, realizam as suas *caminhações* com mais confiança; pequenos trajetos. Produzem até um circuito: de algum modo, são turistas. “Adoro voltar. Sempre. Contaram-me que, sendo pequena, quando voltávamos para casa, nas férias de verão, era só atravessar a soleira e eu corria para o quarto com um sorriso maravilhado, antes de me jogar no jardim para saudar a mata e o rio.” (CHOLLET, 2017, p. 19).

Há outras crianças que fazem do seu trajeto, da sua viagem, da sua experimentação, uma experiência mais próxima do viajante, mas não de um

viajante que viaja para construir uma narrativa. Não voltam para contar a sua história, não fazem da sua viagem um produto de consumo. Essas outras crianças se jogam na viagem e fazem dela, numa espécie de horizonte longínquo, uma forma de existência, sem saber se haverá um retorno antes de partir – e há, portando, uma sorte de indecisão junto com elas.

Elas constroem a sua língua a partir de uma língua adotiva, adaptativa, camaleônica? Artificial? Uma língua-pássaro? Língua-gato? Uma língua outra? Uma língua imprópria? Língua imposta? Língua inapropriada? Uma língua perdida? Crianças que se embriagam com sua independência e se tornam estrangeiras de si? São estrangeiras num outro país porque já são estrangeiras no seu interior (KRISTEVA, 1994, p. 24)? São essas crianças realmente estrangeiras? Ou, pelo contrário, são crianças nacionais no exterior?

De repente, um pequeno movimento remexe na sua suposta soberania.

Que desilusão para essas infâncias! Umas experiências estrangeiras que nunca foram estrangeiras? Crianças choram em silêncio com muita tristeza e espanto, dado que o ponto de vista a partir do qual experimentavam as suas existências foi confrontado.

Um estado de infância prolongado?

A eventual perda de uma língua?

Pergunto: como foi escrito o escrito?

Pode-se dizer que só pelo fato de terem sido escritas, estas linhas tornam-se sensíveis à *ex-posição* do dito. E é com “o dito” que se trabalha (OURY, 2017, p. 195).¹⁰⁵

E o que é “o dito”? Implícito no dizer, o dito é o atravessamento por uma certa fragilidade linguística. Na qual está em jogo a língua, o traço, o corpo.

E se o dito sugere uma experiência, também sugere algum desejo de sentido; portanto, também, e de algum modo, deixa se sujeitar por uma teoria, precisará se sujeitar, *entrar*. E se entrar, como diz um ditado sobre o cortejo, *tem de entrar*; e se der *a passada* – num pacto, consensual –, e o que entra sempre é para deixar passar, deixar se afetar.

Diz Anne Dufourmantelle (2015):

Um trabalho infantil que nos permita não concordar com estar cheios, sustentar a história de não concordar, e esta chega pela língua; a língua materna é sempre algo perdido, o gozo da língua materna. Quando a perdemos, temos de inventar uma outra língua, uma língua que nos pertenceria enquanto trocas de muitas línguas. Perder a língua materna para traduzir o mundo numa língua outra: por isso nós, analistas, tivemos de perder a língua materna para sustentar que há um centro desocupado que não será ocupado.

¹⁰⁵ “O Coletivo: o seminário de Sainte-Anne” (Le collectif : le séminaire de Sainte-Anne) (1999). “Lacan disse que a verdade não está na subjacência, nem no transcendental, mas no nível do discurso articulado, do ‘dito’. Isso não é pomposo. Não é maravilhoso. Porém é com isso que se trabalha” (tradução livre).

E com que se trabalha?

Com o saber-fazer de um novo saber. Um tecido de uma língua.

Des-ocupação.

Suspender & des-sujeitar-se, para buscar uma outra sujeição – como que se tecer a partir de uma nova subjetivação.

Crianças suspendidas nos seus balanços

Com filhas que observavam meu cabelo e meus sapatos (OCAMPO, 2017, p. 106).

Inútil seria tampar os espelhos.

Mas não contarei os gatos que saíam pelos espelhos, que saíram dos espelhos onde, imprudentemente, apareci junto com outras personas que não viram eles. Fui a única que viu os gatos

Agora já não compartilho um espelho com ninguém.”

(OCAMPO, 2017, p. 186-190).

Ser exigente, livre e segura de si na potência de não se achar.

Onde o modo de relação marca uma ressonância intensiva que se expande e se contrai; o movimento onde aparece um tipo de enigma: um *entre* a renúncia a essa perda do Ideal para conquistar um modo de ganho (ou alegria) na tensão do que vibra. Ou seja, o movimento do ganho, entre a renúncia do

Ideal e a conquista de uma outra coisa, se transforma numa fonte de gozo, esse gozo da tensão. Esse movimento entre o terminável e o interminável enquanto virtual e seu possível atual. No encontro intensivo de duas línguas. Línguas irmãs. Línguas companheiras, línguas aliadas como uma questão de prudência, e fazer da prudência um ato de metamorfose.

De uma língua estrangeira para uma outra língua estrangeira. Atrever-se *ao risco* de devir efetivamente estrangeira de nós mesmas. Modulações intensivas das línguas. *Leves variações, como arte e risco*. Mover-se numa longa distância. Uma pequena confecção, suave. Movimentando-se muito pouco, como um movimento imperceptível de um grande movimento de movimentos. Talvez do movimento daquela menina: “(...) houve uma modificação no time, uma reforma nos prédios, um trabalho enorme. Dez anos depois: extraordinário, ela sorria! Valia a pena! Há pessoas que jamais entenderão esse discurso!” (OURY, 2017, p. 296).

(e se trabalha a partir daí).

Para ser realmente órfãos. Ser realmente solitários.

Seduzir melhores intensidades.

Repetir, mas repetir melhor.

Conviver com vários corpos, fazer um corpo, corpo de corpos.

Corpo de línguas, corpo de peles, corpo de pés, corpo musical, corpo estendido, corpo camaleônico, corpo estrangeiro, corpo gestante de corpos, corpo que acolhe corpos, corpo equalizador de frequências, corpo que modula, corpo-antena, corpo que devém deus pelos pés.

Linhas de acabamento

Quase como desentendidas de um final se escrevem estas linhas, porque não se quer terminar, não se querem finais, não se quer desinvestir, se quer *continuum*, se quer modular e modular mais consistências, se querem fazer os mesmos percursos, produzir um circuito, mas com novos sapatos, uns que soem desde sua sola. Estar verdadeiramente em movimento.

Palavra-passo, palavra pé. Palavra ação. Palavra-atenção.

(A atenção deve estar na circulação: de palavra, de caminhar; não obstante, esta liberdade, e por isso a ênfase na conquista desse espaço de liberdade de circulação requer a produção de um espaço para poder circular, dado que às vezes a circulação requer também a liberdade de permanecer em um lugar.

[OURY; MARTY, 1998])

Podemos dizer que fizemos algo assim como um grafite noturno, anônimo, não sabemos muito bem quem escreveu o escrito.

Talvez algumas *caminhadas* (GLISSANT, 2019, p. 54) sejam necessárias para que algo se escreva desde algum outro lugar. Sem meta, sem fim, sem destino, mas assim vamos, rumo a um vetor de direção, rumo a uma *teleótica*. *Isso não quer dizer que vamos alcançar a meta, mas que vamos em boa direção:*

Qual é a meta da psicanálise? Certamente é uma moda que custa caro, porém, a final de contas, a que nos conduz? Às vezes não conduz a grande coisa, é preciso dizer. Mas quando se consegue, qual é sua finalidade? Não a finalidade com uma meta, com uma corda e uma cenoura, senão a finalidade no sentido de meu amigo Jean Gagnepain, que fala da ‘teleótica’ (*téléotique*). A teleótica é um vetor de direção. Isso não quer dizer que vamos alcançar a meta, mas que vamos em boa direção. Pois bem, quanto à teleótica: me parece que quando alguém está em apuros – ou inclusive não, se não o sabemos, é muitas vezes pior – isso deve conduzir à conjunção de algo, e a uma emergência. E então retomo as distinções de Lacan e sobretudo de Levinas: a distinção entre o dizer (*dire*) e o dito (*dit*). Indo rapidamente: se não houvesse dizer, não haveria dito. O dizer é uma fábrica, é algo do inconsciente, não é muito longe do que Lacan chamou, de maneira magistral, ‘alíngua’... O dizer talvez seja o mais importante, dentro da possibilidade de se reagrupar, de se delimitar. (OURY; MARTY, 1998)

Palavra-passo: e por que estamos aqui, ou em que nível de desejo estamos, não como sujeitos nem como pessoas, mas como representantes de certo desejo (OURY, 2017, p. 298)? “O que faço aqui, ou melhor, a pergunta devém: O que é meu desejo de estar ali (aqui)?” (ibid., p. 299). São as perguntas iniciais ou iniciáticas que um clínico qualquer deveria fazer. Perguntas que, desde uma primeira impressão, se expõem como genuínas ou até óbvias, instalando uma sorte de superfície evidente. Ou talvez estas mesmas perguntas sejam pouco perguntadas.

Parecem-nos as perguntas certas, adequadas, como para dar um acabamento, que não é o mesmo que um fechamento a um texto clínico intensivo e sério – e se diz sério não no sentido de profundo, ou intelectual, mas sério no nível de sustentar uma ação, uma atitude ética rumo a um processo. No nível do corpo, no nível vital, como também no nível institucional. Pois,

mediante as perguntas, este trabalho instala, de certa forma, uma instituição, um instituinte de um processo.

Em nosso trabalho clínico [na clínica de La Borde], na senda de François Tosquelles, foi uma oportunidade para fazer tábula rasa. A atenção dos terapeutas, sua capacidade de análise, deve incidir, em primeiro lugar, sobre seus próprios instrumentos, a instituição, os dispositivos sociais, as modalidades de intercâmbio, a economia de desejos. (POLLACK, 2011, p. 155)

Palavra-atenção: *e por que estamos aqui?*¹⁰⁶

Estamos aqui porque queremos ser reconhecidas, ser queridas, ser lidas, ser desejadas?.

Estamos aqui porque queremos ser doutoras.

Estamos aqui porque nos interessa a clínica, a vida, nos interessam os desvios da vida, nos interessa o amor, a paixão, os gatos, as infâncias, os sapatos.

Estamos aqui porque nos interessam as coisas realmente importantes. Como, por exemplo, uma menina que diz “tinha que falar com alguém, mas sozinha” (OURY, 2017, p. 232).

Estamos aqui porque estamos à altura desse tipo de *urgências*, coisas de máxima importância menor.

Estamos aqui porque nos urge estar aqui.

Estamos aqui porque nos interessa a ética, e o que é a ética?

A ética é algo como a articulação entre o desejo e a ação (OURY, 2017, p. 303).

¹⁰⁶ Oury, *Lo Colectivo. Psicopatología Institucional de la vida cotidiana*, p 300. Pergunta também abordada em um texto de Marcelo Percia, disponível em: <https://www.revistaadynata.com/>

Estamos aqui, portanto, como prática ética, como uma ação que está no que-fazer de todos os dias.

Nos atos de todos os dias. A escuta como prática: *escuta prática*, a escuta como lar. Um lar estrangeiro.

*A los anarquistas,
A los sometidos,
A los soberbios,
A los solitarios,
A los que no entienden,
A los que se arrasan,
A los que lavan todo el día como el osito lavadero*

Fragmentos de “Advertencias vanas” de Silvina Ocampo (2017, p. 231).

*

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Luz en lo oscuro*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2020.

BARDET, Marie. *Pensar con Mover: Un Encuentro entre danza y filosofía*. Buenos Aires: Cactus, 2012.

BARDET, Marie. *El cultivo de los gestos: entre plantas, animales y humanos*/André Haudricourt; *Hacer mundos con gestos*. Buenos Aires: Cactus, 2019.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de un discurso amoroso*. México: Siglo XXI, 1993.

BENEGAS, Noni. *Fragmentos de un diario desconocido*. Ferrol: Esquíu/Fundación Caixa Galicia, 2004.

BERGSON, Henri. *La Energía Espiritual*. Buenos Aires: Cactus, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *La Escritura del Desastre*. Tradução: Luis Ferrero, Cristina de Peretti. Madrid: Trotta, 2019.

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómadas*. Barcelona: Paidós, 2001.

CABRERA, Araceli Colín. Ocho aportaciones clínicas de Freud sobre la voz. *Rev. Subj.* [online]. vol. 15, n. 1, p. 142-152, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100016&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2359-0769. Acesso em 7 jun. 2019

CHOLLET, Mona. *En Casa*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.

CIXOUS, Hélène. *La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura*. Barcelona: Anthropos, 1995.

COCCIA, Emanuele. *Metamorfosis*. Buenos Aires: Cactus, 2021.

_____. *La vida sensible*. Buenos Aires: Marea, 2011.

_____. *A Vida das Plantas. Uma Metafísica da Mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CRITON, Pascalle. A propósito de un curso del 20 de marzo de 1984. El ritornelo y el galope. In: *Gilles Deleuze: Una vida filosófica. Encuentros Internacionales Gilles Deleuze Rio de Janeiro - Sao Paulo del 10 al 14 de junio de 1996*.

DELEUZE, Gilles. *Crítica y Clínica*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1996.

_____; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por una Literatura Menor*. México DF: Ediciones Era, 1990.

_____; GUATTARI, Félix. *Mil Mesetas Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción de José Vázquez Pérez con la colaboración de Umbelina Larraceleta. Valencia: PRE-TEXTOS, 2002.

_____. *Francis Bacon: Lógica de la sensación*. Madrid: 2016.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1996.

DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

_____. *Os Vagabundos Eficazes*. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Elogio del riesgo*. Tradução: Amalia Federik. Buenos Aires: Nocturna Editora & Paraíso Editores, 2019.

_____. *En caso de amor. Psicopatología de la vida amorosa*. Tradução: Amalia Federik. Buenos Aires: Nocturna Editora & Paraíso Editores, 2018.

_____. *Potencia de la Dulzura*. Tradução: María del Carmen Rodríguez. Buenos Aires: Nocturna Editora & Archivida, 2021.

_____. «Anne Dufourmantelle, The Philosophy of Hospitality». Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vWWRpMu_13E. Acesso em: 23 jun. 2021.

_____. Apresentação do livro *Elogio del riesgo*. Metaphora Freudiana. Cuernavaca, México, nov. 2015.

- ELTIT, Diamela. *Lumpérica*. Santiago: Las Ediciones del Ornitorrinco 1983.
- FERNANDEZ, Helga. *Para un psicoanálisis profano*. Buenos Aires: Ediciones Archivada, 2020.
- FLORES, Val. *Una lengua cosida de relámpagos*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2019.
- IRIGARAY, Luce. In: BRAIDOTTI, Sujetos nómades. Barcelona: Paidós, 2001. p. 138-139.
- GLISSANT, Edouard. *Filosofía de la relación, Poesía en extensión*. Buenos Aires: Miluno, 2019.
- GREEN, André, *Jugar con Winnicott*. Buenos Aires/Madrid, AMORRORTU, 2005.
- GROSMAN, Adriana. O saber, a gente inventa pra “se distrair”. *Wunsch: Dossiê Especial: “Prelúdios” Ortodoxia E Heresia: Os Saberes Na Psicanálise*, n. 21, p. 16, mar. 2021.
- GUATTARI, Félix. *Psicoanálisis y Transversalidad*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.
- _____. “Transversalidade”. In: *Revolução Molecular*. Pulsações Políticas do Desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. «Ritournelles et Affects existentiels». Publicado em *Cartografias Esquizoanalíticas* (1989), Paris: Éditions Galilée (USP).
- _____; ROLNIK, Suely. *Micropolítica, Cartografias del Deseo*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006.
- GUATTARI. « Ritournelles et Affects existentiels ». Cartographies schizoanalytiques, Paris: Éditions Galilée, 1989. GIS (Gesto, Imagem e Som), Revista de Antropologia (USP), São Paulo, v. 4, n. 1, Tradução: Cristina Thorstenberg Ribas, Revisão: Suzana Calô, p. 383-397, out. 2019.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Sobre Proust*. Buenos Aires: Cactus, 2021.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. São Paulo: Rocco, 1994.

KLEIN, Melanie. *Situaciones infantiles de angustia reflejadas en una obra de arte y en el impulso creador* (1929) Disponível em: <http://bloguamx.byethost10.com/wp-content/uploads/2015/04/11-situaciones-infantiles-de-angustia-reflejadas-en-una-obra-de-arte-y-en-el-impulso-creador-1929-mk2.pdf?i=1>. Acesso em: 3 jun. 2020.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Diccionario de psicoanálisis*. Buenos Aires/Madrid/México: Paidós, 2004.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

LARROSA, Victoria. *Curandería: escucha performática, clínica y gualichera*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.

LUSTGARTEN DE CANTEROS, Noemi. *El Cuerpo En La Experiencia Psicoanalítica Entre Freud, Lacan Y Winnicott*. Santiago de Chile: Pólvora, 2018.

LITTLE, Margaret. *Transferencia Neurótica & transferencia Psicótica*. Santiago de Chile, Pólvora, 2018.

_____. *Relato de mi análisis con Winnicott. Angustia psicótica y contención*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1995.

LUSTGARTEN DE CANTEROS, Noemi. *El cuerpo en la experiencia psicoanalítica entre Freud, Lacan y Winnicott*. Santiago de Chile: Pólvora, 2018.

MASSUMI, Brian. *O que os animais nos ensinam sobre política*. São Paulo: Editora n-1, 2017.

MARTINEZ, Juan Luis. *La Nueva Novela*. Santiago de Chile: Archivo, 1977.

MILLER, Alice. *El drama del niño dotado y la búsqueda del verdadero yo*. Barcelona: Tusquets, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Así Habló Zaratustra*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

NOGUEIRA, Erich. A voz indígena em “Meu tio o iauaretê”, de Guimarães Rosa. *Revista Nau Literária*, Porto Alegre, vol. 09, n. 01, 2013. Disponível em

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43371/27869>. Acesso em: jan. 2022.

OURY, Jean; MARTY, Catherine. *Libertad de circulación y espacio del decir*. 1998. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/449805274/J-Oury-Libertad-de-circulacion>. Acesso em: 5 jan. 2022.

OURY, J. *O Coletivo*. São Paulo: Hucitec, 2009.

OCAMPO, Silvina. *Poesía Completa II*. Buenos Aires: Planeta, 2017.

PARNET, Claire, DELEUZE, Gilles. *Conversaciones*. Barcelona: Pre-Textos, 1977.

PEDRON, Denise. Performance e escrita performática. *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP*, 2013. Disponível in <https://cadernosdesubjetividade.wordpress.com/category/cadernos-de-subjetividade/> Acesso em 23 jun. 2020.

PELBART, Peter Pál. *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *A vertigem por um fio* Da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. Contra os limites da linguagem, a ética da imagem. *Veritas*, Porto Alegre, v. 65, n. 2, 2020.

PERCIA, Marcelo. *Sensibilidades en tiempos de hablas del capital*. Buenos Aires: Zebra, 2020.

_____. *Conversaciones después de clase: Imposiciones sobre los cuerpos y los géneros*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-cFTOSolws&t=4384s>. Acesso em: 2 jun. 2021.

PINCHON-RIVIÈRE, Enrique. *El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.

PODESTA, Andrea, *El pensamiento del grito*. Santiago de Chile: Metales Pesados, 2020.

POLACK, Jean-Claude; SIVADON, Danielle. *A íntima utopia: trabalho analítico e processos psicóticos*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. *François Tosquelles, une politique de la folie*. Disponível em: <https://vimeo.com/167991974>. Acesso em: 17 dez. 2021.

PRECIADO, Paul. *Un apartamento en Urano, Crónicas del Cruce*. Barcelona: Anagrama, 2019.

RAUNIG, Gerald *Dividuum: Machinic Capitalism and Molecular Revolution*. Los Angeles: Semiotext(e), 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016.

_____; GUATTARI, Félix. *Micropolítica, Cartografías del Deseo*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006.

ROSA, Guimarães. “Meu tio o Iauaretê”. In: NOGUEIRA, Erich. A voz indígena em “Meu tio o iauaretê”, de Guimarães Rosa. *Revista Nau Literária*, Porto Alegre, vol. 09, n. 01, 2013. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43371/27869>. Acesso em: jan. 2022.

ROSTAGNOTTO, Alejandro. O saber, se inventa? *Wunsch, Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*, n. 21, março de 2021.

SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze. Del animal al arte*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo Pulsional, Clínica Psicanalítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

SZTULWARK, Diego. La potencia de existir II, pt.1: Spinoza / Foucault (Diego Sztulwark en Chile) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaBIIdLUbiDM>. Acesso em: 2 dez. 2019

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte, *Caderno de Leituras*.

_____. *Lembra-te de que sou medéia medea nunc sum*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

_____. In e-flux jornal, Berlin, Issue 36, 2012. Disponível em <https://www.e-flux.com/journal/36/61245/reclaiming-animism/>. Acesso em: jan 2022. Em português: Reativar o animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte, *Caderno de Leituras*, n. 62.

VARAS, Paulina; EGAÑA, Lucía. *Una cartografía extraña*. Santiago de Chile: Metales Pesados, 2020.

TIQQUN. *Primeros materiales para una teoría de la jovencita*. Madrid: Acuarela, 2012.

TOSQUELLES, François. *Une politique de la folie*. In: *François Tosquelles, une politique de la folie*. Disponível em: <https://vimeo.com/167991974>. Acesso em: 17 dez. 2021.

_____. Una política de la locura en Revisión de “QUIMERA”, otoño de 1991, n. 19. Disponível em: <http://royalcaute.blogspot.com/2008/08/francois-tosquelles-una-politica-de-la.html>. Acesso em: 11 abr. 2019.

YOURCENAR, Marguerite. Entrevista a Marguerite Youcenar, 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M-FCiwuVndk>. Acesso em: 23 jun. 2021

UNO, Kuniichi. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n-1 edições, 2012.

UNO, Kuniichi. *Hijikata Tatsumi. Pensar um corpo esgotado*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VIVIEROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

VON SAMSONOW, Elisabeth. *Anti-Electra, The Radical Totem of the Girl*. Minnesota: Minnesota Press, 2019.

WINNICOTT, Donald. *O Brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

ZALTZMAN, Natalie. *A Pulsão Anarquista*. São Paulo: Escuta, 1993.

ZOURABICHVILI, François. *El arte como juego*. Buenos Aires: Cactus, 2021.